

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

ANA CAROLINA ZAGO MENDES

O LUGAR DAS MULHERES NA PODOSFERA BRASILEIRA

Frederico Westphalen, RS

2024

ANA CAROLINA ZAGO MENDES

O LUGAR DAS MULHERES NA PODOSFERA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Jornalismo: Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Redin de Quadros

Frederico Westphalen, RS

2024

ANA CAROLINA ZAGO MENDES

O LUGAR DAS MULHERES NA PODOSFERA BRASILEIRA

Monografia do Curso de Jornalismo Bacharelado, Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM–FW, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Mirian Redin de Quadros, Dra. (UFSM - FW)
(Presidenta/Orientadora)

Vera Martins, Dra. (UFSM - FW)

Juliana Gobbi Betti, Dra. (UFOP)

Claudia Herte de Moraes, Dra. (UFSM - UFSM)
(Suplente)

Frederico Westphalen, RS

2024

Dedico essa pesquisa a todas as mulheres. Compreendemos que não é fácil viver num sistema patriarcal, mas espero que as gerações futuras sejam livres. Sem medo da opressão, violência e que as vozes femininas ecoem mundo afora.

AGRADECIMENTOS

Fico imaginando a Ana de oito anos sabendo que está concluindo o curso de jornalismo. Certeza que estaria com os olhos brilhando e pulando de felicidade e não é diferente da Ana de 21 anos. Nesses quatro anos de curso só tive mais certeza que nasci para o jornalismo.

Obrigada à minha orientadora Mirian Redin de Quadros que desde o primeiro momento topou me orientar. Agradeço pela paciência e as vezes que quis desistir, você esteve ao meu lado. Não posso deixar de falar que Mirian, fez meu amor pelo rádio e podcast crescer e entender que posso fazer um jornalismo humano (e sem ofender ninguém) por meio dessas plataformas. Espero repassar seus conhecimentos. Sou eternamente grata.

Obrigada à minha banca que é composta por mulheres fortes e que inspiram, gratidão professora Vera Martins, vou guardar seus ensinamentos feministas com muito carinho e obrigada Juliana Gobbi Betti pela disponibilidade. Obrigada a professora Cláudia Herte de Moraes.

Obrigada, à minha mãe Cinara que sempre apoiou o meu sonho de ser jornalista. Tenho certeza que sem você, nada seria possível. Por ligações você escutava meu choro com medo do futuro e mesmo estando a 200 km de mim, me acalmava. A minha família que também apoiou esse sonho. Esse diploma não é só meu. É de todos vocês, que ensinaram a defender a ciência e uma educação gratuita e de qualidade.

Minha família frederiquense, obrigada por todos os momentos. A Thalita, Heloisa, Gabriel Bueno, por fazerem meus dias leves e serem lar. Vou lembrar das nossas caminhadas em dias quentes e frios até o RU, mas sempre fazendo piadas, fofocas ou tentando adivinhar o que iríamos almoçar, também pelas noites na ice e lot. Nem todos os dias foram bons, mas eu sabia que eu tinha vocês para tudo. Especialmente Lídia que é minha irmã de alma, nunca pensei que fosse possível encontrar alguém na mesma conexão que a minha. Pode ter certeza que a gente vai se encontrar muito nessa vida e vai ser no Rio de Janeiro. Você foi a pessoa que mais acreditou em mim durante a graduação e sou grata por isso.

Agradeço, a minha melhor amiga Luana que mesmo longe sempre esteve ao meu lado. Não poderia deixar de agradecer a Giseli e Nicole que surgiram na minha vida nos 45 do segundo tempo, mesmo assim já se tornaram família.

Essa fase está acabando, mas estou ansiosa para viver fazendo o que amo que é jornalismo. A comunicação habita em mim.

No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertem a nós e aos outros.

bell hooks

RESUMO

Esta pesquisa reuniu mulheres, rádio, feminismo, podcasts e números de consumo. Mostramos como o rádio e o feminismo contribuíram para que as mulheres pudessem estar nos podcasts. Existem grandes nomes dentro da podosfera feminina, quebrando o estereótipo de que mulheres só falam de “maquiagem ou roupas”, e mostramos que são assuntos diversos e estão conquistando todos os públicos. O problema que motivou este estudo (ou o problema de pesquisa) é onde estão as mulheres na podosfera brasileira? Tendo como objetivo investigar o lugar das mulheres na podosfera brasileira e os objetivos específicos foram: compreender a divisão sexual do trabalho na visão feminista; pesquisamos a atual situação da podosfera tanto num panorama geral, quanto para mulheres, e sistematizar a percepção das mulheres sobre o lugar que ocupam dentro do ambiente de produção dos podcasts. Para tanto, no primeiro capítulo discutimos sobre feminismo, suas ondas e vertentes e também entendemos o que é gênero. Logo em seguida, debatemos sobre a divisão sexual no trabalho. Já no segundo capítulo abordamos a respeito da podosfera, começamos pela história das mulheres no rádio, depois o histórico do podcast e também trouxemos dados de consumo dessa mídia e falamos sobre artigos existentes de mulheres no podcast. No terceiro capítulo, abordamos o percurso metodológico e explicamos sobre a pesquisa bibliográfica, entrevista em profundidade e a técnica bola de neve, que foi aplicada para a composição do *corpus* e também acrescentamos a análise de conteúdo. Foram entrevistadas cinco podcasters, sendo elas, Natália Silva, Jéssica Almeida, Heloiza Barbosa, Branca Vianna e Mariana Bonafé, que responderam dezesseis perguntas sobre sua vida pessoal e profissional. Os resultados revelaram que apesar de existirem obstáculos nesse meio para as mulheres, as podcasters estão conseguindo crescer nas plataformas, levando pluralidade e cooperação entre as mulheres para dentro dos seus podcasts.

Palavras-chave: Mulheres; Podcasts; Podosfera; Feminismo; Gênero.

ABSTRACT

This research brought together women, radio, feminism, podcasts, and consumption numbers. We demonstrate how radio and feminism have contributed to women being present in podcasts (eu colocaria 'We demonstrate how radio and feminism contributed to the presence of women in podcasts'). There are prominent figures within the female podosphere, breaking the stereotype that women only talk about "makeup or clothes," and we show that the topics are diverse and appealing to all audiences (colocaria 'and we show that the topics are diverse and catch all of kinds of audiences'). The problem addressed in this study is: where are the women in the Brazilian podosphere? The objective was to investigate the position of women in the Brazilian podosphere, with specific aims: to understand the social division of labor from a feminist perspective, to research the current situation of the podosphere both in general and for women, and to systematize women's perceptions of the space they occupy within the podcast production environment. To achieve this, in the first chapter, we discussed feminism, its waves and branches (colocaria 'sides' no lugar de branches pois não tenho certeza se branch é o que você quer dizer), and also comprehended the concept of gender. Following that, we debated the sexual division of labor. In the second chapter, we addressed the podosphere, starting with the history of women in radio, then the history of podcasts, and also provided consumption data for this media form, discussing existing articles about women in podcasts. In the third chapter, we discussed the methodological approach, explaining the bibliographic research, in-depth interviews, and the snowball technique, which was applied to compose the corpus, also adding content analysis. Five podcasters were interviewed, namely Natália Silva, Jéssica Almeida, Heloiza Barbosa, Branca Vianna, and Mariana Bonafé, and they answered sixteen questions about their personal and professional lives. The results showed that despite obstacles in their way, women podcasters are managing to grow on platforms, bringing diversity and cooperation among women into their podcasts.

Keywords: Women; Podcasts; Podosphere; Feminism; Gender.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Categorias iniciais e intermediárias..... 37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias intermediárias e iniciais respectivas unidades de registro.....	39
Tabela 2: Unidades de registro da categoria intermediária Sobrecarga.....	41
Tabela 3: Categoria Intermediária Aliança Feminina.....	43
Tabela 4: Categoria Intermediária Patriarcado	45
Tabela 5: Categoria intermediária Empoderamento.....	49
Tabela 6: Categoria Intermediária Interseccionalidades.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FEMINISMO.....	15
2.1. FEMINISMO E GÊNERO.....	15
2.2. DIVISÃO SEXUAL NO TRABALHO.....	19
3. PODOSFERA.....	23
3.1. MULHERES NO RÁDIO.....	23
3.2 HISTÓRICO DO PODCAST.....	25
3.3 DADOS DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE PODCASTS NO BRASIL.....	27
3.4 SÍNTESE DOS ESTUDOS QUE JÁ EXISTEM SOBRE GÊNERO E PODCAST.....	28
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	30
4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	31
4.2 ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	34
5. O LUGAR DAS MULHERES NA PODOSFERA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	37
5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE E DADOS QUANTITATIVOS.....	37
5.2 SOBRECARGA.....	40
5.3 ALIANÇA FEMININA.....	42
5.4 PATRIARCADO.....	45
5.5 EMPODERAMENTO.....	48
5.6 INTERSECCIONALIDADES.....	51
5.7 SÍNTESE DA ANÁLISE.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A.....	61
APÊNDICE B.....	69
APÊNDICE C.....	76
APÊNDICE D.....	83
APÊNDICE E.....	94

1. INTRODUÇÃO

O rádio teve grande importância para que as mulheres pudessem entrar nas mídias, primeiro tendo voz nas rádios, e depois conquistando espaço na televisão. Mas, não foi um trajeto fácil. Winter e Viana (2021, p. 3) explicam que “é também a partir da década de 1930 que as mulheres criam uma relação mais próxima com o rádio, começando a cantar nas emissoras.” Mesmo de uma forma sutil, as vozes femininas começaram a se destacar.

Com o passar dos anos, os podcasts cresceram nas plataformas, principalmente a *Spotify* e *Deezer*. Hoje em dia vemos conteúdos variados, desde esporte a entrevistas, os podcasts mais consumidos no Brasil são *Horóscopo Hoje e Mano a Mano* (Brazil, 2022). Na podosfera feminina alguns nomes vêm se destacando, a Capitani (2024) traz alguns podcasts que são dirigidos por mulheres, como: *Não Inviabilize*, da Déia Freitas, *Bom dia, Obvious*, da Marcela Ceribelli e *gostasas também choram*, da Lela Brandão.

Contudo, mesmo que existam nomes que se consolidam nesse meio, o problema deste estudo é, qual é o lugar de fato das mulheres na podosfera brasileira? Investigamos o objetivo geral que é o lugar das mulheres na podosfera brasileira, a partir de uma perspectiva feminista. A podosfera feminina vem crescendo mesmo que seja aos poucos.

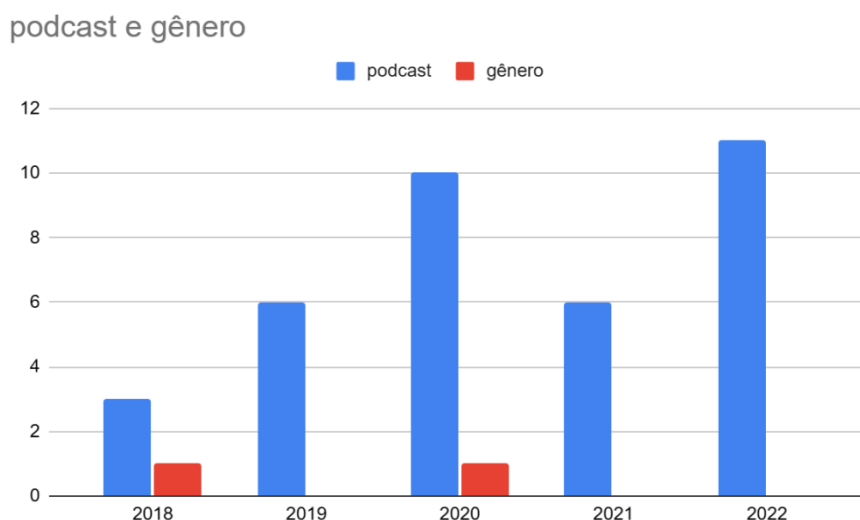
Por meio desse lugar que as mulheres estão nos podcasts, buscamos entender esses três objetos específicos que foram compreendidos como, a divisão sexual do trabalho na visão feminista; estudamos a atual situação da podosfera tanto num panorama geral, quanto para mulheres, e sistematizamos a percepção das mulheres sobre o lugar que ocupam dentro do ambiente de produção de podcasts.

A escolha de pesquisar sobre a podosfera feminina vem desde o começo da faculdade. Falar sobre mulheres, sempre foi algo presente na minha adolescência e escutar podcasts virou um hábito há anos. Comecei a reparar que a maioria das vozes que escutava eram femininas, mas mesmo assim não tinham a visibilidade que uma voz masculina tinha. Reparei em números na plataforma *Youtube*, como o podcast *Quem pode, pod*, de Giovana Ewbank e Fernanda Paes Leme, que não tinha o mesmo número de curtidas que o *Pod Pah*, apresentado por Igão e Mítico.

A relevância do nosso estudo para o jornalismo e a comunicação é contribuir com a área de podcasts direcionados às mulheres, os quais têm poucos estudos. Podemos ver pelos anais dos Congressos Nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no grupo de pesquisa de Rádio e Mídia Sonora, onde encontramos mais artigos sobre podcast. Vemos que desde 2018 até 2022, foram apresentados 41 artigos,

sendo três artigos em 2018, 6 em 2019, 10 em 2020, em 2021 o número cai para 6 e volta a subir, em 2022, para 11 artigos sobre podcast. Mas, isso muda quando vamos procurar artigos sobre feminismo, encontramos apenas dois, um em 2018 e o outro em 2020.

Figura 1: Pesquisas sobre podcast e gênero apresentadas nos Congressos Nacionais da Intercom



Fonte: Autoria própria, com base em dados da Intercom

A metodologia utilizada para alcançarmos nossos objetivos foi a entrevista semi-aberta, com a técnica bola de neve para a composição do *corpus*, ou seja, para a seleção das mulheres que serão entrevistadas. A *snowball* ou bola de neve é quando o primeiro entrevistado indica outro e assim por diante, ao final, somamos cinco entrevistadas. As entrevistas seguiram o roteiro com 16 perguntas divididas em quatro blocos. Ainda, usamos análise de conteúdo para complementar e aprofundar a compreensão sobre o tema.

Esta pesquisa foi organizada em seis capítulos, além desta introdução. O primeiro capítulo teórico contextualiza o *feminismo*, buscamos entender um pouco sobre a relação entre *gênero e feminismo*. Além disso, apresentamos as principais vertentes do feminismo e discutimos sobre a divisão sexual do trabalho, como o patriarcado impõe a dupla jornada às mulheres.

O segundo capítulo teórico aborda a *podosfera*, explicamos a história das mulheres no rádio, em seguida um pouco da contextualização do podcast, como surgiu e alcançou a popularidade. Também apresentamos os dados de consumo de podcast no Brasil e alguns estudos sobre mulheres no podcast.

No terceiro capítulo discutimos a metodologia que foi aplicada nesta pesquisa,

detalhamos como foram realizadas as entrevistas sobre a podosfera feminina.

No último capítulo trazemos a Análise de Conteúdo, analisando as respostas das podcasters juntamente com as unidades de registro, salientando o referencial teórico e algumas frases das entrevistadas.

2. FEMINISMO

Neste capítulo, entendemos um pouco sobre o que é *gênero*, como nasceu o *feminismo* e suas vertentes. E também a divisão sexual do trabalho, onde estão as mulheres e quais lugares ocupam na sociedade. hooks (2019, p. 25) cita: “feministas são formadas, não nascem feministas”.

2.1. FEMINISMO E GÊNERO

Segundo Isabela Moraes e Leticia Medeiros (2021) no site Politize, explicam o significado de gênero e trazem o conceito pelo dicionário Aurélio (1986) traz o significado para gênero como “qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns”. Já na língua inglesa, Scott (1995, p. 1) mostra o que significa gênero, segundo o *Dictionnary of Modern English Usage*, publicado em Oxford, em 1940: “Gênero (gender), s., apenas um termo gramatical. Seu uso para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino ou feminino, com o significado de sexo masculino ou feminino, constitui uma brincadeira (permissível ou não, dependendo do contexto) ou um equívoco.”

Scott, em seu texto, ainda leva que “no uso recente mais simples, ‘gênero’ é sinônimo de mulher” (1995, p. 6) e fala que “o termo ‘gênero’ também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (1995 p. 8).

Garcia (2015) no livro *Breve História do Feminismo*, afirma:

Gênero não é sinônimo de sexo. Quando falamos de sexo estamos se referindo a biologia - as diferenças físicas entre os corpos - e ao falar de gênero, as normas e condutas determinadas por homens e mulheres em função do sexo. (Garcia, 2015, p. s/p)

É preciso entender o que é gênero antes de falarmos sobre feminismo. Como já visto, gênero não é igual sexo. Para os dicionários, gênero é visto como agrupamento de pessoas, ou feminino e masculino. Já no feminismo, essa palavra tem outro significado, que é sobre a relação entre os sexos, em que mulheres têm certos papéis destinados apenas por serem do sexo feminino.

Para entender um pouco o feminismo, Garcia (2015) relata como iniciou o movimento feminista.

O termo feminismo foi empregado primeiro nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores, homens e mulheres, começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX tais como movimentos das mulheres e problema das

mulheres, para descrever um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdade das mulheres (Garcia, 2015, p. s/p).

Garcia (2015) explica que as feministas americanas buscavam ter o equilíbrio do amor e da realização política e individual. Mas, no meio de todo esse movimento de resistência, existiu o patriarcado.

A história do feminismo passa por três ondas e uma quarta onda que ainda está sendo estudada. Os estudiosos vêm mostrando a importância dessas ondas para o movimento. Foram fases que abriram espaço e deram voz para as mulheres. Tudo começou no século 19, por igualdade. Com o tempo perceberam que deveria haver um equilíbrio entre educação, política e social. Silva (2015, p.4) argumenta que “a peça antecedeu o marco político do feminismo no Brasil que foi a criação, em 1932, do Código Eleitoral que dava direito de voto à mulher.” Com o tempo as mulheres tiveram um pouco mais de direito sobre seus corpos e as Nações Unidas (ONU) explicam que as mulheres devem ser livres, para decidir sobre seus corpos.

Os direitos humanos das mulheres incluem seus direitos a ter controle e a decidir livre e responsabilmente sobre questões relacionadas à sua sexualidade, incluindo saúde sexual e reprodutiva, livres de coerção, discriminação e violência. Relacionamentos igualitários entre mulheres e homens quanto às relações sexuais e reprodutivas, incluindo total respeito à integridade das pessoas, requerem o respeito mútuo, consentimento e compartilhar responsabilidade quanto ao comportamento sexual e suas consequências. (Nações Unidas, 1996, parágrafo 96 apud Carlotto e Damião, 2018, p.309).

Precisamos ressaltar que as ondas não se aplicam universalmente. Segundo *Feminismo e Literatura no Brasil*, de Constância Lima Duarte (2003), a luta das mulheres no Brasil iniciou-se com o direito da escrita e leitura. Conforme o tempo passou, começaram a reivindicar o direito do voto e seus direitos sexuais.

A primeira onda, segundo Martins (2015), iniciou-se no fim do século XIX. Com as revoltas dos operários e movimentos sufragistas, as mulheres começaram a reivindicar seus direitos, já que na maioria das vezes seus direitos eram excluídos. O século das revoluções fez com que as mulheres exigissem seus direitos. Algumas pautas foram: melhores condições de trabalho, como salário, redução da jornada e um ambiente mais limpo, direitos políticos (votar e poder ter seus interesses representados nos parlamentos).

Importante destacar que a primeira onda, segundo Siqueira e Bussinguer (2020), era composta por mulheres brancas que queriam direitos iguais aos dos homens, como aprender a ler e escrever, pois achavam que a inferioridade era por conta da educação ser distinta entre homens e mulheres. Muitas rejeitavam os casamentos, por conta da submissão forçada de uma

sociedade machista. Além de serem abusadas sexualmente, isso fazia com que o casamento fosse visto como uma forma de prostituição legal ou de escravidão sexual, pois homens achavam que as mulheres estariam a disposição para servi-los em vários aspectos. Seriam essas três reivindicações: educação, casamento e direitos iguais, ou seja, as mulheres almejavam ser iguais aos homens perante as leis.

A luta por direitos não parou, mas o movimento começou a ver que os direitos estavam apenas no papel. Assim nasceu a segunda onda, que Camponi (2011 apud Silva, Carmo, Ramos 2021) explica que se sucedeu entre as décadas de 1960 até 1980. Perante a lei, as mulheres eram iguais aos homens, os seus direitos deveriam ocorrer. No entanto, a igualdade não existiu. Com isso, as mulheres começaram a se questionar sobre a submissão e se seriam naturalmente inferiores aos homens e isso levava a não ter seus direitos garantidos. Outro questionamento da época foi o que significa ser mulher?

[...] Direitos foram conquistados na maior parte dos países, mas as mulheres eram iguais aos homens perante a lei apenas no papel, pois na prática essas igualdades não ocorriam. Então, esse movimento se preocupa em compreender por que ainda existe submissão das mulheres, será que elas seriam naturalmente inferiores aos homens e por isso não alcançavam na prática essa igualdade? Com isso, começa-se a questionar a ideia de mulher, de feminilidade. O que significa ser mulher? Surgem então as três pensadoras: Simone de Beauvoir, Carol Hanisch, e Betty Fridman (Camponi, 2011 apud Silva, Carmo, Ramos 2021.).

Silva, Carmo, Ramos (2021) falam a respeito da terceira onda que aconteceu em 1990, trazendo a diversidade feminina, já incluindo vários movimentos. Nesse contexto, Miranda (2015) destaca os avanços conquistados pelo movimento feminista.

Em 1993, as Conferências Mundiais, em especial a Conferência de Direitos Humanos, e em 1994 a Conferência de População e Desenvolvimento, trouxeram a viabilidade de inúmeros canais de informações e troca de experiência. E a partir da IV Conferência Mundial da Mulher e pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos e a Convenção Interamericana trouxe como pauta questões como prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher, sendo esses eventos resultantes de lutas, com manifestações e atuações femininas, que garantiu as alterações no Código Penal. Devido a essas conquistas, surge uma nova visão da sexualidade com a autonomia, liberdade e valorização da mulher, mitigando dessa forma as relações de desigualdade entre os gêneros (Miranda, 2015, p.111).

Silva, Carmo, Ramos (2021) observam que a terceira onda fez as mulheres alcançarem a liberdade de expressão e pensamento, direito ao voto, a possibilidade de estar na política e assumir cargos elevados. Também têm o direito sobre o seu corpo, sexualidade, decidir usar contraceptivos ou poder abortar seguindo as leis. E terminam dizendo que foi através desse movimento cheio de violência, discriminação e machismo, que o feminismo ganhou força e

espaço.

Existe uma quarta onda que ainda está sendo estudada. Silva e Pedro (2016) analisam essa nova onda mostrando que é um feminismo diferente das outras ondas, que traz negras, lésbicas, LGBTQIAPN+ e os homens.

Diferentemente das ondas que antecederam, a proposta mais ousada de uma quarta onda do feminismo, caracterizada por partir do Sul, é reconhecida pela incorporação dos diversos femininos de correntes horizontais, como negro, lésbico e o masculino e os LGBTT. Esta nova configuração que vem se consolidando no feminismo latino-americano visa reconstruir a teoria feminista a partir de uma linguagem própria. Esta movimentação se apresenta como resposta às consequências perversas da modernidade, na qual os países periféricos são aqueles que mais sentem com a saturação do capitalismo, persistente na tarefa colonizatória através de mecanismos ainda mais sofisticados (Silva; Pedro, 2016, p. 194).

Para além das ondas históricas do feminismo é necessário falar das suas diferentes vertentes. Reif (2019) mostra os principais tipos: liberal, socialista ou marxista, interseccional, radfem e o feminismo negro.

O feminismo liberal surgiu na Revolução Francesa, com Mary Wollstonecraft¹, para reivindicar os direitos das mulheres. Essa vertente buscava igualdade para mulheres e homens. É uma vertente que recebe críticas por não considerar todas as mulheres. De acordo com Santiago (apud Reif, 2019), o feminismo liberal

Atua numa agenda de equiparação de direitos, mas sem um enfrentamento às desigualdades, exploração do trabalho e ao capitalismo. Age principalmente na proposição de reformas políticas e legais e no posicionamento do direito de escolha das mulheres (Santiago apud Reif, 2019, online).

Já a vertente socialista ou marxista mostra que as mulheres não sofrem opressão só do machismo, mas também pela economia, reduzindo a participação das mulheres. Segundo o site Pantys (Vertentes do feminismo, 2021), esse movimento defende que todas as mulheres possam ter uma vida profissional digna e não apenas os homens vivam isso. Também entra na discussão que as tarefas domésticas sejam feitas por todos e não vistas como um afazer apenas “feminino”.

Uma das questões centrais dessa vertente é que as mulheres não devem se emancipar somente no mercado de trabalho, mas também dentro da família. Assim, há demanda por uma divisão mais justa do trabalho doméstico e reprodutivo (Reif, 2019, online).

¹ “Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma intelectual libertária inglesa que abraçou as causas de pessoas oprimidas de seu tempo, sendo hoje reconhecida como uma importante abolicionista inglesa e uma das precursoras do feminismo” (Estacheski e Medeiros, 2017, p. 375).

Reif (2019, online) também aborda a vertente interseccional, que defende que não “existe uma mulher universal, mas sim vários grupos de mulheres com questões específicas. As demandas das mulheres brancas são diferentes das negras, que são diferentes das indígenas e isso tudo deve ser pensado pelo movimento”.

Já a vertente radical, acredita que as mulheres não vão alcançar seus objetivos sem acabar o domínio dos homens e, também, seria necessário o fim do gênero, segundo Botelho (2022).

O gênero é algo criado e serve como instrumento do modelo patriarcal, inferiorizando as mulheres e estabelecendo uma hierarquia que gera opressão. Segundo esta corrente, para conseguir a abolição do gênero, é necessária uma busca radical, com o intuito de descobrir todo o lugar que o gênero atinge e auxilia na construção de desigualdades. (Botelho, 2022. online).

Por último, Reif (2019) destaca a vertente do feminismo negro. Reif (2019) mostra que as mulheres negras muitas vezes não se sentem representadas pelos outros feminismos, pois além de serem mulheres sofrem o racismo, algo que as mulheres brancas nunca vão passar.

hooks (2019), no livro *O feminismo é para todo mundo*, cita que existe um estigma que algumas pessoas acham que o feminismo “odeia” homens e as mulheres roubam seus empregos.

A tendência é ouvir tudo sobre a maldade do feminismo e as feministas más: “elas” odeiam homens; “elas” querem ir contra a natureza (e deus); todas “elas” são lésbicas; “elas” estão roubando empregos e tornando difícil a vida de homens brancos, que não tem a menor chance. (hooks, 2019, P. 11).

hooks (2019) defende que se ensinarmos os meninos e homens sobre sexismo não iremos ter esse problema no futuro na luta feminista. O movimento precisa de homens, para conseguir progredir.

Um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta, e de maneira alguma é uma ameaça ao feminismo; enquanto uma mulher que se mantém apegada ao pensamento e comportamento sexista, infiltrando o movimento feminista, é uma perigosa ameaça... (hooks, 2019. p 31).

Neste subcapítulo vimos um pouco sobre gênero e a história do feminismo. No próximo tópico, vamos discutir a divisão sexual do trabalho: como é feita e como o patriarcado a afeta.

2.2. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Para falar de divisão de trabalho, precisamos entender um dos principais culpados que é o patriarcado. Garcia (2015) define patriarcado como

Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriam da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que perpetuam como única estrutura possível. (Garcia, 2015, p, s/p).

Kergoat (2007) entende que a divisão sexual do trabalho ocorre por conta de relações de sexo e está há anos em nossa sociedade.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc). (Kergoat, 2007. p, 67).

Kergoat (2007) ainda enfatiza que o movimento começou pela conscientização de que muitas mulheres sofriam opressão. Isso levou as mulheres a perceberem que grande parte do trabalho feminino é realizado de forma gratuita; um trabalho que ninguém vê e de certa forma não é para elas, mas para as outras pessoas. Sempre em nome da natureza e do amor materno.

Delphy (2013 apud Biroli, 2016) afirma que as mulheres trabalham gratuitamente, cuidando de casa, filhos e atividades domésticas, e isso faz com que os homens apenas trabalhem fora de suas casas.

A distinção entre trabalho remunerado e não remunerado é colocada, assim, no cerne das formas de exploração características do sistema patriarcal no mundo capitalista. O trabalho que as mulheres fornecem gratuitamente, como aquele que está envolvido na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, libera os homens para que se engajem no trabalho remunerado. São elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e sua gratuidade se define numa relação, o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo. Os produtos que não têm valor quando decorrem do trabalho da mulher em casa passam, no entanto, a ter valor econômico fora da casa, quando atendem às necessidades de outras pessoas que não o marido (Delphy, 2013, apud Biroli, 2016, p. 726).

Hirata e Kergoat (2007) citam que ainda existem esses papéis, em que a mulher atua como a parte “doméstica” e o homem o “provedor”.

No “modelo tradicional”: papel na família e papel doméstico assumidos inteiramente pelas mulheres, e o papel de “provedor” sendo atribuído aos homens. No “modelo de conciliação”: cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional. (Hirata e Kergoat, 2007, p. 604).

Kergoat (2009) explica que fala-se da “dupla jornada”, “acumulação” ou de “conciliação de tarefas”, como se fosse um dever da trabalhadora assalariada.

Delphy e Leonard (2004 apud Biroli, 2016) argumentam como o patriarcado faz com que exista a divisão no trabalho. Existem trabalhos diferentes no sistema patriarcal, em que mulheres podem trabalhar, mas com suas duplas jornadas de trabalho não são remuneradas e homens se aproveitam dessa mão de obra.

O fato de a industrialização ter transferido parte da produção realizada no espaço doméstico para as fábricas não restringiu a casa a um espaço reprodutivo. A responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que nessas abordagens é definido como produtivo e não remunerado seria a base do sistema patriarcal no capitalismo. O patriarcado, como sistema político, consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens. No centro da análise, portanto, está a divisão sexual do trabalho e o fato de que tenha impacto muito distinto nos dois grupos (ou classes) que são, assim, produzidos: as mulheres, que têm sua força de trabalho apropriada, e os homens, que se beneficiam coletivamente desse sistema. (Delphy e Leonard, 2004 apud Biroli, 2016, p. 725).

Kergoat (2009) mostra que existe a divisão sexual do trabalho, o trabalho para homens que tem mais “valor” e o trabalho para mulher que não “vale” tanto.

Segundo hooks (2018), muitos homens culpam as mulheres pelo desemprego, pois perdem o visto de ser o provedor. A autora (2018) também defende que trabalhar por salários baixos não liberta classes de mulheres pobres da dominação masculina. Ao mesmo tempo, “ainda assim, autossuficiência econômica é necessária se mulheres quiserem ser livres para escolher o contrário da dominação masculina, para serem totalmente realizadas.” (hooks, 2018, P. 86).

Kergoat (2009) mostra a dualização do emprego feminino.

Desde o começo dos anos 1980, o número de mulheres contabilizadas pelo INSEE (Institut National de la Statistique et des Études Économiques) como “executivas e profissionais intelectuais superiores” mais do que dobrou: cerca de 10% das mulheres ativas estão atualmente nessa categoria. Simultaneamente à precarização e à pobreza de um número crescente de mulheres (elas representam 46% da população ativa, mas 52% dos desempregados e 79% dos baixos salários), assistimos a um aumento dos capitais econômicos, culturais e sociais de uma proporção de mulheres ativas que não pode ser desconsiderada. (Kergoat, 2009. p 61).

Importante ressaltar que existe outra divisão salarial, que está entre as mulheres com privilégios, maioria branca e as que não têm privilégios. hooks (2018) fala sobre.

Mas somente mulheres privilegiadas tiveram o luxo de imaginar que trabalhar fora de casa iria realmente proporcionar ganho suficiente para permitir que fossem economicamente autossuficientes. As mulheres de classe trabalhadora já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las. (hooks, 2018. p 67).

Bruschini e Lombardi (2000 apud Biroli, 2016) apresentam uma análise sobre a remuneração das mulheres no trabalho nos últimos anos do século XX. No trabalho doméstico, em 1997, 18% das mulheres eram empregadas. Neste mesmo ano, 16% das mulheres ocupavam cargos como médicas, arquitetas, advogadas, engenheiras e cargos jurídicos.

Bruschini e Lombardi (2000 apud Biroli, 2016, p. 737) citam “é no trabalho das empregadas domésticas que as profissionais frequentemente irão se apoiar para poder se dedicar à própria carreira”. Biroli (2016) fala que a divisão sexual do trabalho está fundamentada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que está estabelecida na biologia e/ou justificada racialmente. Acompanha restrições que se definem pelo gênero, raça e classe social.

Kerner (2012 apud Biroli, 2016, p. 738) explica que “a ‘atribuição de diferenças categoriais’, que ocorre ‘por meio de referências a características corporais e, portanto, por meio de referência a supostas certezas biológicas.’” Biroli (2016) analisa as justificativas que adicionam às mulheres, como “toda mulher deve cuidar das crianças”, porque já tem o instinto materno, e os homens ficam isentos de cuidar. Isso leva para outro lado as mulheres pretas, submetidas a trabalhos como limpeza por conta da cor da sua pele.

Está presente nas justificativas que romantizam os papéis, como no caso da ideologia maternalista – as mulheres cuidariam mais das crianças porque possuiriam tendências naturais para tal cuidado e não porque os homens são socialmente liberados dessa função. Está presente, também, na subalternização que é característica das ideologias racistas – as mulheres negras realizariam o trabalho remunerado de limpeza porque esta ocupação estaria de acordo com suas capacidades enquanto mulheres negras. No primeiro caso, serve para justificar assimetrias entre mulheres e homens; no segundo, para justificar assimetrias entre mulheres tanto quanto entre mulheres e homens. (Biroli, 2016. p 738).

Neste capítulo falamos sobre o que é feminismo, suas vertentes, a divisão sexual no trabalho e como o patriarcado ajuda para que isso aconteça. Percebe-se que ser mulher em um mundo machista faz com que a sociedade nos trate e olhe diferente. A dupla jornada que foi imposta para as mulheres, faz com que elas se dividam entre trabalhar fora, se dedicar às suas casas, seus filhos e ainda sejam submissas aos seus maridos e mesmo assim seu valor é diminuído.

3. PODOSFERA

Neste capítulo, entendemos a palavra *podosfera*, que ainda é pouco conhecida e não possui uma definição específica. Segundo Aline Francesconi, Anya Schmidt e Felipe Bignard (2021), “o termo “*podosfera*” é usado para se referir ao conjunto de podcasts existentes”. Portanto, nesta pesquisa vamos adotar a compreensão de que *podosfera* é um mundo de podcasts.

Além disso, apresentamos a importância das mulheres no rádio e como o meio influenciou que a voz feminina ganhasse lugar nos dias atuais. Também entender um pouco da história do *podcast*, mostrando em números como esse fenômeno vem crescendo e, por fim, trazer alguns estudos sobre feminismo dentro de *podcast*.

3.1. MULHERES NO RÁDIO

O rádio tem uma predominância de figuras e vozes masculinas, no passado e na atualidade, fato que reflete a forma como a sociedade lida com as mulheres e como se dá a divisão sexual do trabalho (Winter; Viana, 2021). Segundo Tereza Cristina Tesser (2003), “várias mulheres participavam da vida política, social e cultural do país” (Tesser, 2003, p.2) em 1922 quando o Brasil teve a primeira transmissão radiofônica. Tesser (2003), analisa que o aparecimento das mulheres no rádio ainda era escasso, apareciam como professoras de música ou canto, onde levavam suas alunas da sociedade para mostrar seus dons. Com o tempo, as rádios começaram a levar vozes femininas, como a locutora Léa Silva que comandava *A Voz da Beleza*, na década de 30.

Um programa feminino de muita repercussão na década de 30 era “*A Voz da Beleza*”, da PRA-3, Rádio Clube do Rio de Janeiro. Ia ao ar, diariamente, das 13 às 14 horas, sob o comando a locutora Léa Silva. (Tesser, 2003, p.3).

Winter e Viana (2021) mostram que a partir de 1930 as mulheres chegaram nas rádios como cantoras - quase 10 anos após as primeiras transmissões radiofônicas no Brasil. Ainda assim, para Silva e Nascimento (2016, p. 137) foi “através da figura feminina que o rádio conquista um papel de destaque no cotidiano familiar.”

Para Brito et al (2017 apud Winter; Viana, 2021, p. 7), as mulheres ainda são minorias em rádios, mas já estão fazendo uma grande diferença. Em meio a um contexto machista, as

mulheres estão conseguindo seu espaço.

Como vimos no capítulo anterior, as mulheres passaram por ondas dentro do feminismo até chegar nos dias atuais. Winter e Viana (2021) analisam a participação das mulheres no rádio, a partir da periodização da história do rádio em quatro etapas, proposta por Ferraretto (2012). A primeira é a *implantação*, que ocorreu no final de 1910 até 1930, quando as mulheres começaram a ganhar espaço nas rádios. Em 1923, a primeira radialista brasileira, Maria Beatriz Roquette-Pinto, aparece na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A segunda etapa é a *difusão*, que vai da metade de 1930 até 1960, período em que o rádio investe em radionovelas, consumidas, em sua grande maioria, por mulheres. O rádio era “feito” para as mulheres, e tinha uma intenção para isso. Calabre (2007 apud Yasmin Lisboa Winter, 2020.p 43.) mostra que junto com as radionovelas, vinham comerciais com intuito de que a mulher pudesse ser “bem cuidada” limpando e cuidando de sua casa.

Os textos comerciais que acompanhavam as radionovelas, dirigidos para a “prezada ouvinte”, refletiam a valorização da presença feminina no mercado consumidor. Eram apresentados produtos que limpavam melhor, facilitando o serviço feminino no lar, ao lado dos que embelezavam a mulher, deixando-a tão linda como as estrelas de Hollywood ou sintonizadas com as últimas novidades tecnológicas surgidas nos países desenvolvidos (Calabre, 2007 apud Yasmin Lisboa Winter, 2020.p 43.)

A terceira fase da história do rádio é a *segmentação*, que foi de 1950 até 2000, quando nasce o programa Viva Maria. Para Silva (2015 apud Winter e Viana, 2021, p. 5), essa foi uma época importante, pois os direitos das mulheres, tanto no rádio, quanto direitos de escolha e social, começaram a ser debatidos.

É um período no qual havia as condições para que as demandas específicas das mulheres fossem incorporadas nas políticas públicas. Isso é crucial quando se pensa em um espaço no rádio dedicado às questões relacionadas com o direito da mulher, e que não reproduz meramente as condições sociais estabelecidas, sem criticá-las. Silva (2015 apud Winter e Viana, 2021, p. 5)

A quarta e última etapa é a *convergência*, iniciada em 1990 e em vigência até os dias atuais, período em que as mulheres já estão mais presentes nas rádios e o feminismo é mais debatido (Winter; Viana, 2021, p. 6). Winter e Viana (2021) destacam, nesse período, que em 2017, pela primeira vez, uma mulher, a jornalista Isabelly Moraes, narra uma partida de futebol em uma rádio brasileira. Segundo Raphaela Xavier de Oliveira Ferro e Valci Regina Mousquer Zuculoto (2023), contudo, a primeira partida narrada por uma mulher foi em 1971, por Zuleide Ranieri, na Rádio Mulher.

Percebemos que depois de 47 anos, as mulheres voltaram a narrar jogos. Raphaela Xavier de Oliveira Ferro e Valci Regina Mousquer Zuculoto (2023) explicam que as mulheres ficaram

anos sem narrar jogos de futebol e que essas vozes voltaram a ser escutadas nos anos 2000.

Pelo que é possível identificar até o momento, as ondas sonoras do rádio passariam longos anos sem que a voz feminina fosse ouvida narrando uma partida de futebol. Trata-se de algo que, a partir do que foi possível identificar até o momento, só voltou a acontecer nos anos 2000. (Ferro; Zuculoto, 2023. p. 116).

Discutimos, neste tópico, um pouco da história de como as mulheres começaram no rádio até atualmente, e percebemos que mesmo com o machismo as mulheres estão se fazendo ouvir e assim alcançam mais pessoas. No próximo capítulo, vamos ver de forma mais ampla o começo do podcast e algumas de suas características para, em seguida, refletirmos sobre os espaços das mulheres nesta “nova” mídia.

3.2 HISTÓRICO DO PODCAST

O podcast nasceu nos Estados Unidos no ano de 2004, o seu criador foi Adam Curry e chegou no Brasil também em 2004. O primeiro podcast brasileiro foi o *Digital Minds*, que foi criado por Danilo Medeiros. Segundo Kamilla Avelar, Nair Prata, Henrique Martins (2018), “*podcast* é um neologismo criado pela união das palavras *pod* (do tocador de MP3 da Apple, iPod) com *cast*, sinônimo de transmissão, em inglês.” (Avelar, Prata e Martins, 2018, p.1).

Bonini (2020) fala que, em 2005, o podcast foi a palavra do ano e incluída no *Oxford English American Dictionary*. segundo Rainie e Madden (2005, apud Bonini, 2020, p.19), “no mesmo ano, uma sondagem realizada pelo centro de pesquisas Pew Internet and American Life, sustentou que aproximadamente 6 milhões dos 22 milhões de americanos adultos que tinham um dispositivo portátil de áudio haviam baixado um podcast”.

Segundo, Kamilla Avelar, Nair Prata, Henrique Martins, (2018) explicam que em 2005, no Brasil, na cidade de Curitiba - Paraná, ocorreu o primeiro evento nacional dedicado ao podcast, que foi a Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), que resultou na criação da Associação Brasileira de Podcasters.

Quadros (2019) mostra como começou o podcast, no início dos anos 2000.

Para ouvir podcasts, no início dos anos 2000, o usuário precisava fazer o download do arquivo de áudio e transferi-lo para o dispositivo onde faria a escuta. A distribuição dos podcasts se dava por meio de sites próprios e portais, além de feeds e programas agregadores. (Quadros, 2019, p 57).

Quadros (2019) discorre que, no início dos anos 2000, os podcasts não conseguiram se expandir. Segundo Linares de Palomar e Neira Borrajo (2017 apud Quadros, 2019, p.57) depois de 2013 os podcasts passaram a ser mais consumidos e especialmente por norte-americanos. Bonini cita que (2015 apud Quadros, 2019, p.57) que o avanço dos

podcasts, também é desencadeado pela popularização de plataformas digitais de financiamento coletivo e ao aumento de especialistas que se dedicam a produção autônomas de conteúdo sonoro.

Segundo Kischinhevsky, Lopez e Bendzecry (2020) o podcast está em um novo ciclo.

Agora que aparentemente estamos entrando numa nova fase, mais mainstream, de sua curta vida, este artigo argumenta que o podcasting deve ser visto como um meio digital massivo em si, não como uma alternativa à radiodifusão, nem como uma renovação de sua forma, com novos mercados emergentes e modelos de negócios, bem como um crescente número de ouvintes e produtores. (Kischinhevsky; Lopez; Bendzecry, 2020, p 19).

O podcast virou parte do mercado e precisa de audiência, O'Donovan explica:

As pessoas realmente prestam atenção aos anúncios”, diz o guru de podcasting da Slate, Andy Bowers. Isso se deve em parte ao fato de que elas têm de fazer isso: o apresentador está bem no seu ouvido e não há como trocar rapidamente de estação, como no rádio. Mesmo rolar até depois de um anúncio é um esforço que não vale a pena. E se você avançar demais [e perder parte do conteúdo]? (O'Donovan, 2014, apud Bonini, 2020, p.28)

A partir de Salemme (2017 apud Viana, 2020, p.7), Luana Viana analisa “que a chegada do podcast decreta de vez a individualidade do consumo de áudio. A essa mesma audiência cabem reflexões mais aprofundadas, já que ela aparece de forma reconfigurada nessa nova ecologia midiática, ocupando novos papéis.”

Segundo Benzecry (2012 apud Viana, 2020), o podcast tem se popularizado por essas fases: autonomia que o ouvinte pode ter, de poder escutar onde quiser; a interação do receptor e emissor; a facilidade no processo de baixar podcasts.

Viana (2018) mostra que com a tecnologia os podcasts vêm aumentando a qualidade sonora e trazendo aspectos que as radionovelas e radiodramas usavam.

Com o desenvolvimento da tecnologia, presenciamos uma retomada da estética acústica, que utiliza a digitalização para o tratamento de sons e para uma edição mais precisa, aumentando a qualidade da narrativa sonora. Atualmente, as narrativas ficcionais têm suas histórias construídas com uma complexificação estética que retoma às grandes produções acústicas de radionovelas e radiodramas, formatos que têm sido recuperados pelo podcast. (Viana, 2018, p. 5).

O podcast também se caracteriza por diferentes formatos e linguagens, como observa Murta:

A linguagem do podcast abre espaço para experimentação de diferentes formatos e gêneros de programas sonoros como, por exemplo, a produção de relatos da vida cotidiana e comentários sobre fatos sociais ou a dramatização, que fez sucesso na era de ouro do rádio por meio das radionovelas, mas que foi gradualmente desaparecendo

do dial das emissoras tradicionais (Murta, 2016, p. 10).

Mas, essa “nova” mídia sonora divide opiniões quanto a sua classificação como rádio. Um dos primeiros pesquisadores brasileiros a falar que podcast não é rádio foi Medeiros (2006 apud Viana, 2020, p.3). Segundo ele, o podcast não é uma transmissão de rádio e também não é um programa de rádio. Já para Carvalho o podcast derivou do meio radiofônico.

Apesar da sua oposição ao meio radiofônico por sua forma de transmissão assíncrona, o podcast apresenta-se a partir da raiz do gênero radiofônico, tendo como base a sua linguagem, seus formatos e a mobilidade inaugurada por esse meio (Carvalho, 2011, p. 1 apud Viana, 2020, p.4)

Contudo, Vicente (2018 apud Viana, 2020, p 9) traz que o podcast está criando suas próprias características dentro desse mundo das mídias sonoras.

O podcast tem assumido formatos de produção e características próprias que o distanciam, em alguma medida, da linguagem radiofônica tradicional, afirmando-se como uma nova prática cultural (Vicente, 2018 apud Viana, 2020, p.9).

Para Leo Lopes (2015), ao explicar para alguém que não sabe o que é essa mídia, é mais fácil dizer que podcast é como um programa de rádio, mas em meios digitais, são linguagens parecidas, mas no podcast a liberdade de produzir conteúdos é maior.

Vimos um pouco da história do podcast, como se popularizou e suas características e também trouxemos a discussão se podcast é rádio ou não. No próximo subcapítulo vamos ver os dados de consumo no Brasil.

3.3 DADOS DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE PODCASTS NO BRASIL

Isabela Rovaroto (2022) traz no site *Exame* que o Brasil era o terceiro maior consumidor de podcast do mundo, com 30 milhões de ouvintes. Já um ranking dos podcast que foram mais escutados em 2022, feito por Brazil (2022), indica que em primeiro lugar *Horóscopo Hoje*; segundo lugar *Mano a Mano*; terceiro *Flow*; quarto lugar *Primocast*; e último lugar *Café da Manhã*. Esses dados foram retirados doCupomValido.com.br, Statista e IBOPE, que são responsáveis pela pesquisa. Podemos observar que são podcasts distintos e mesmo assim muito consumidos pelos brasileiros. O site ainda mostra que o formato preferido de podcast no Brasil é entrevistas, enquanto o gênero mais ouvido é “sociedade e cultura”.

Flávio Resende (2022) mostra, no site Metrópolis, um estudo feito pela Globo, junto com o Ibope, que revelou que 57% dos brasileiros começaram a escutar podcast a partir da

pandemia. A pesquisa de 2022, indica que 48% ouvem programas de podcast enquanto limpam suas casas, 38% quando estão utilizando a internet, 25% antes de dormir, 24% quando trabalham, estudam, quando estão em transporte público, 20% quando estão praticando exercício físico e 18% quando estão tendo um momento de auto cuidado. Os números mostram que o podcast virou um aliado para as pessoas. Podemos ver pelos 57% de brasileiros que começaram a ouvir essa mídia na pandemia, pois foi um momento que todos estávamos isolados e o podcast virou um companheiro. Também é um método rápido que o ouvinte pode se informar ou se entreter.

Por meio do site Estadão, Zamberlan (2023) analisa que as mulheres estão liderando os podcasts. Existe uma diversidade de assuntos e não ficam apenas no formato da entrevista. Nesse sentido, Antunes (2023) cita algumas mulheres que vêm se destacando no mundo dos podcasts brasileiros, como o podcast *Quem pode, pod* de Giovana Ewbank e Fernanda Paes Leme que traz adota o formato entrevista, contudo sem ser aquela entrevista “séria”, é uma forma mais livre. As podcasters já entrevistaram grandes nomes da indústria cultural brasileira, como Xuxa, Lázaro Ramos entre outros. Atualmente Fernanda Paes Leme, não está mais no podcast. Segundo a Fábria Oliveira, do site Metrópole, a atriz saiu por querer se dedicar mais à família e na época da sua saída estava grávida.

Antunes (2023) também cita o *Poddelas* de Bruna Uzueta e Tata Estaniecki, é composto por entrevistas, mas os episódios são os convidados contando histórias da sua vida. Alguns famosos que foram no *Poddelas*, como Iza e Fernanda Gentil. Para Zamberlan (2023, p.2), “as criadoras entenderam as múltiplas possibilidades de criação no universo do podcast e se aventuram na produção, interagindo e engajando com as audiências”.

A Abpod analisou dados da Pod Pesquisa de 2019 e 2020, que contabilizaram 16.713 respostas por meio de formulário digital. Em 2018, eram mais homens que consumiam podcast, com 84% e mulheres 16%. Já em 2019, 72% eram homens e 27% mulheres. A faixa etária passou de 29 para 28 anos, o hábito de consumo é mais de 64% ouvem até cinco anos e mais de 50% das mulheres escutam até 2 anos. Em questão de interesse, a política e cultura POP cresceu em 13,1% desde 2018 a 2019.

A ABPod tem desde 2017 a campanha *#OPodcastÉDelas2022*. Em 2022 foi a sexta edição e o intuito era que as mulheres que já produzem podcast participassem, não importa o tema, o objetivo é tornar a podosfera um lugar mais seguro e agradável para as ouvintes.

Esses dados só reforçam como o podcast vem ganhando espaço e se tornou uma companhia para as pessoas. O podcast traz a facilidade e agilidade para os dias atuais, pois podemos escutar em qualquer lugar, escolhemos o que queremos escutar e é uma mídia

atemporal. Como já dito, entrevista é o que os brasileiros mais gostam de escutar, porque talvez a entrevista faz o ouvinte ficar imerso naquela conversa.

Neste subcapítulo, trouxemos dados de como o podcast se popularizou entre os brasileiros e também como as mulheres ganharam força nessa mídia. E, por fim, vamos ver um pouco dos estudos sobre gênero aplicados aos podcasts que, infelizmente, não são muitos.

3.4 SÍNTESE DOS ESTUDOS QUE JÁ EXISTEM SOBRE GÊNERO E PODCAST

Os estudos voltados para podcast estão crescendo a cada ano. Se olharmos os anais dos Congressos Nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) junto ao GP Rádio e Mídia Sonora, desde 2018 até 2022, podemos ver um avanço nas pesquisas voltadas para esse tema. Sobre podcast podemos achar muitas pesquisas feitas, já quando buscamos estudos que relacionem podcasts e gênero a história é outra. Como vimos na introdução deste trabalho, tem um estudo sobre gênero em 2018 e outro em 2020.

Um dos artigos é “Entre a Religiosidade e o Feminismo: a Abordagem sobre a Igualdade de Gênero na Rádio Gospel H’ora” de Fládima Rodrigues Christofari e Daniela Cristiane Ota (2020). Neste trabalho é falado sobre a Rádio Gospel H’ora e busca entender como uma rádio de viés religioso aborda temas como machismo. No dia internacional da mulher, 08 de março, a rádio fez uma semana de debates sobre mulheres e o que mais se escutou foi sobre machismo, diferença de gênero, violência doméstica, feminicídio.

O outro artigo é “A Mulher no Radiojornalismo Gaúcho: Uma Análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba”, de Luana Beatriz da Silva e Diego Weigelt (2018). O estudo busca saber se as jornalistas gaúchas sofrem algum preconceito dentro das rádios. Explica que existem alguns obstáculos, como pressupor que as jornalistas não conseguem desempenhar certas funções dentro de rádios, por serem mulheres.

No 10º Encontro Nacional de História da Mídia pela Rede Alcar, identificamos o trabalho “O Programa Viva Maria da Rádio Nacional” de Ellis Regina Araújo da Silva (2015), que fala do primeiro programa de rádio do Brasil narrado por uma mulher e também sobre a questão de gênero, que ainda é algo relativamente “novo”, além de trazer como o feminismo surgiu no Brasil e como isso impactou no rádio para mulheres.

O artigo “Filhas da Guerra: uma análise da fala da mulher através do podcast”, de Amanda Alves e Luana Viana (2019), que foi apresentado no Congresso Nacional da Intercom, na modalidade Intercom Júnior, analisa o episódio *O Mal Puxa o Mal*, do podcast *Projeto Humanos*, conduzido por Ivan Mizanzuk. O episódio conta a história de Lili Jaffe, que viveu na

época nazista. No artigo, as pesquisadoras detalham como mulheres tiveram menos falas e um tempo menor de aparição do que homens e observam que Mizanzuk poderia trazer uma especialista mulher para falar deste tema, mas preferiu trazer um homem. Alves e Viana (2019) debatem que no mundo patriarcal, as mulheres são deixadas em segundo plano, até quando o assunto é sobre elas.

Já o artigo que foi apresentado no XIII Encontro Nacional de História da Mídia, “Podosfera É Delas?: um panorama histórico brasileiro sobre rádio e mulheres”, de Yasmin Winter e Luana Viana (2021), discute quando as mulheres entraram no rádio a partir das quatro fases da história do meio e também analisa 172 podcasts feitos por mulheres. As pesquisadoras mostram quantas mulheres apresentadoras aparecem nos podcasts e que os assuntos são variados, quebrando o estereótipo que mulher só fala do mundo feminino.

Como vimos, os podcasts estão tendo um crescimento nesses últimos anos. Mostrando que existem diferentes formatos dentro dessa mídia e a sua popularização é graças a sua pluralidade de conteúdos. Mesmo que seu aumento não seja algo rápido, já conseguimos encontrar artigos que falam que o podcast veio para ficar e a discussão, que acho que sempre vai existir, é se podcast é rádio ou não.

Os artigos destacados aqui têm em comum as mulheres, como impactam as rádios e também como o mundo patriarcal tenta deixar essas vozes femininas em segundo plano e as pesquisas reforçam o que já foi dito, que os estudos sobre mulheres na podosfera são poucos.

Neste capítulo, falamos sobre artigos que abordam a presença das mulheres na podosfera e no rádio. Ainda são poucos os estudos sobre gênero dentro das pesquisas sobre podcasts, mas esse trabalho busca contribuir com os estudos.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, vamos explicar os processos metodológicos que foram usados nesta pesquisa, como pesquisa bibliográfica, o método de entrevista em profundidade, com a técnica *snowball* ou bola de neve e análise de conteúdo que ajudou a compreender as falas das entrevistadas.

4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Nesta pesquisa um dos métodos utilizados foi a pesquisa bibliográfica, que ajudou a alcançar o objetivo de pesquisa, como mencionado na Introdução, que é investigar o lugar das mulheres na podosfera brasileira, a partir de uma perspectiva feminista. O outro método foi a entrevista em profundidade, articulado à técnica do *snowball* ou bola de neve, pois entrevistamos profissionais que atuam na área de podcasts, entre elas, jornalistas. Mas para entrevistar essas podcasters, é preciso saber que essas são pessoas que já sabem entrevistar. A última técnica que foi aplicada neste estudo é análise de conteúdo, que ajudou a entender as entrevistas.

Pereira (2012) cita como entrevistar jornalistas são situações peculiares nas interações.

Entrevistar jornalistas envolve, antes de tudo, uma situação bastante peculiar de interação: conversamos com pessoas que também conhecem e se utilizam da entrevista como forma de produzir conhecimentos sobre o mundo. Por isso, interações com jornalistas são frequentemente estruturadas a partir do jogo de papéis de entrevistador-entrevistado. (Pereira, 2012, p.37).

Para Stumpf (2012) a pesquisa bibliográfica é o início de qualquer estudo.

[...] é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.... (Stumpf, 2012, p. 51).

Segundo Duarte (2012), a entrevista em profundidade é uma metodologia dinâmica e flexível, favorável para apreensão de uma realidade tanto para abordar temas relacionados à intimidade do entrevistado, como para descrição de procedimentos complexos no qual está ou esteve envolvido. Junto a ela, a outra técnica empregada será a bola de neve ou *snowball*, para a composição do *corpus*, ou seja, a seleção das mulheres que serão entrevistadas. Bockorni e Gomes (2021, p.108) explicam: “para a realização de uma amostragem em bola de neve é

necessário que haja um intermediário inicial, também denominado de semente, que localiza ou aponta algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa a ser realizada.”

Para entender sobre a entrevista em profundidade, Duarte (2012, p.62) cita que “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.”. Na entrevista em profundidade existem vários tipos de entrevista, como aberta, semi-aberta e a fechada.

Neste estudo será usada a entrevista semi-aberta e Duarte (2012) fala que nesse tipo de entrevista, é aplicado roteiros de questões-guia, que dão cobertura ao interesse do estudo. Duarte (2012) explica que o pesquisador faz a primeira pergunta, explora bastante e só depois passa para outras.

O pesquisador faz a primeira pergunta e explora o máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. (Duarte, 2012, p. 66).

O jovem pesquisador deve ter cuidado na hora da entrevista, pois Pereira (2012, p. 39) fala que “outra situação frequente em conversas com jornalistas é o modo como eles procuram se impor como *expert* da técnica de entrevista[...]”.

Utilizamos a técnica bola de neve para escolher nossas entrevistadas. Segundo Bockorni e Gomes (2021) a amostragem bola de neve é uma técnica que vem sendo utilizada em pesquisas qualitativas.

A amostra em *snowball*, ou bola de neve, é uma técnica de amostragem que vem sendo utilizada em pesquisas qualitativas, nos últimos anos, principalmente, porque permite que se alcancem populações pouco conhecidas ou de difícil acesso. Em outras palavras, a amostra do tipo bola de neve destaca-se em pesquisas que optam por amostras não probabilísticas em estudos de natureza qualitativa. (Bockorni e Gomes, 2021, p. 106).

WHA (1994 apud Baldin e Munhoz, 2011, p. 49) explica que *snowball* ou bola de neve é uma forma não probabilística usada em pesquisas sociais, onde o primeiro entrevistado indica o próximo e assim por diante, até conseguir o objetivo esperado (o “ponto de saturação”). WHA (1994 apud Baldin e Munhoz, 2011, p. 49) menciona que “o ‘ponto de saturação’ é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa.”

O *snowball* ou bola de neve é detalhado por Baldin e Munhoz (2011) como:

A *snowball sampling* ou “Bola de Neve” prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los. (Baldin e Munhoz, 2011, p.5).

Goodman (1961 apud Albuquerque, 2009, p. 49) menciona que no método bola de neve, os primeiros entrevistados são “sementes” que precisam ter conhecimento do local, do fato realizado ou das pessoas que vivem na comunidade. Esse entrevistado (a “semente”) irá indicar outra(s) pessoa(s) do seu convívio (ou de seu conhecimento) para participar da amostra, que são considerados os “filhos” das “sementes”. Para obter uma amostra aceitável, é necessário um número inicial de pessoas (de “sementes”) de preferência, alguém que ocupe o espaço estudado, conheça pessoas da localidade e que sejam de vários ramos da formação e atuação.

Usamos o método bola de neve e começamos com uma podcaster. A outra podcaster é Natália Silva, formada em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Tornou-se mestre em jornalismo, pela Universidade de Columbia, em Nova York. Seu primeiro projeto de podcast foi *Prato Cheio*, idealizado para o portal *O Joio e o Trigo*. Já em 2020, Natália trabalhou no podcast *Habitat da Folha* de São Paulo. Neste podcast, foi editora de som, roteirista, co-apresentadora e produtora. Desde 2022 é produtora do podcast *Rádio Novelo Apresenta*. A participação de Natália foi importante, pois trouxe a experiência de ser jornalista e podcaster.

As entrevistas foram feitas pela plataforma Google Meet, as entrevistadas autorizaram o uso das suas identidades. O roteiro foi composto por dezesseis perguntas, organizadas em blocos: perfil, trabalho x vida pessoal, mulheres no jornalismo e mulheres na podosfera e contou com cinco podcasters.

A análise de conteúdo foi necessária para conseguir analisar as respostas das podcasters e isso gerou resultados. Freitas, Cunha e Moscarola (1997 apud Silva e Fossá, 2015, p. 2) explicam que

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). (Freitas, Cunha e Moscarola (1997 apud Silva e Fossá, 2015, p. 2)

Silva e Fossá (2015) apresentam três fases do método que são pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise, segundo Silva e Fossá (2015) é “a fase compreende a leitura geral do material eleito para a análise, no caso de análise de entrevistas, estas já deverão estar transcritas.” Na exploração de material, Silva e Fossá (2015) explicam

que nessa fase, são coletados os textos das entrevistas e materiais. Nos parágrafos são encontradas palavras-chaves, que geram a primeira categoria.

Essas primeiras categorias, são agrupadas de acordo com temas correlatos, e dão origem às categorias iniciais. As categorias iniciais, são agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultam nas categorias finais. Assim, o texto das entrevistas é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências. (Fossá, 2003, p.3, apud Silva e Fossá, 2015).

A terceira fase é o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Para Silva e Fossá (2015) “consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação).”

Nos estudos, categorizamos os dados quantitativos em categorias como inicial e intermediária e entendemos o conceito norteador da categoria inicial, conceito norteador da categoria intermediária e obtivemos resultados em números por meio das frases das entrevistadas.

4.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de perguntas foi elaborado com base no referencial teórico, com ajuda de algumas leituras sobre podcast, feminismo e mulheres. Por meio dessas perguntas, vamos buscar saber sobre a vida pessoal das profissionais entrevistadas e como elas percebem o ser mulher no jornalismo e na podosfera.

PERFIL:

1 - Nome:

2 - Idade:

3- Formação (curso, universidade e ano):

4 - Estado civil:

5 - Você tem filhos? Quantos?

6 - Você teve outras experiências profissionais no campo da Comunicação antes? Quais?

TRABALHO X VIDA PESSOAL

7 - Descreva a sua função e atividades que desempenha hoje no podcast em que atua?

8 - Você tem alguém, tanto na vida profissional como pessoal, que te auxilia? De que forma?

MULHERES NO JORNALISMO

9 - Já sofreu algum assédio ou opressão por ser mulher, em algum lugar que trabalhou?

10 - Você acha que o jornalismo é um meio que acolhe ou reprime as mulheres? Como?

11 - Qual a sua percepção sobre o relacionamento entre mulheres no jornalismo de maneira geral? Há cooperação, concorrência, competição...

MULHERES NA PODOSFERA

12 - Existe união das mulheres no meio da comunidade podcasting?

13- No seu atual local de trabalho, qual o percentual de mulheres e homens?

14 - Quais as funções desempenhadas pelas mulheres no seu atual local de trabalho?

15 - Existe algum preconceito ou obstáculo em relação às mulheres podcasters? Se existe, quais?

16 - Qual a sua opinião sobre os espaços ocupados pelas mulheres na podosfera brasileira?

4.3 COLETA DE DE DADOS: PODCASTERS ENTREVISTADAS

A primeira entrevista foi feita pelo Google Meet no dia 29 de março de 2024, às 14 horas, com a jornalista e podcaster Natália Silva, que tem 28 anos e atualmente namora. Sua jornada na Comunicação começou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), seguida de alguns estágios em comunicação e comunicação empresarial. Depois de se formar, fez projetos independentes em podcasts, também trabalhou na Folha de São Paulo e hoje em dia é produtora do podcast *Rádio Novelo Apresenta*. No mês de maio de 2024, se tornou mestre em jornalismo pela Universidade de Columbia, em Nova York. A jornalista indicou Jéssica Almeida para entrevistar.

Na sequência, tivemos a podcaster Jéssica Almeida. A entrevista foi realizada pelo Google Meet, no dia 10 de abril de 2024, às 16 horas. Jéssica tem 36 anos e é solteira. Sua formação foi em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2012. Em 2022, se tornou mestre em comunicação. O seu caminho no jornalismo iniciou como repórter no jornal O Tempo, onde passou nove anos trabalhando. Atualmente é dona do seu próprio podcast, o *Pelo Avesso*. Jéssica indicou Heloiza Barbosa.

A terceira entrevista, também realizada por Google Meet, aconteceu no dia 19 de abril de 2024, às 17 horas. Heloiza Barbosa possui 57 anos, é casada e tem um filho. Sua formação foi em Pedagogia, na Universidade Federal do Pará (UFPA), com mestrado em Educação e doutorado em em Desenvolvimento Cognitivo, pela *Boston University*. Heloiza não tem experiências passadas em comunicação, mas se tornou podcaster e é dona do *Faxina Podcast*.

A sua indicação foi Branca Vianna.

A entrevista com Branca Vianna foi realizada no dia 7 de maio de 2024, às 16 horas por Google Meet. Branca tem 62 anos, é casada e tem dois filhos. Se formou em Letras com especialização em tradução simultânea, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), além do mais é mestre em Linguística pela *University College London* e também é mestre em treinamento de intérpretes pela Universidade de Genebra. A beletrista não tem experiência em comunicação, mas hoje em dia é presidente e podcaster da *Rádio Novelo Apresenta*. Branca recomendou Mariana Bonafé para entrevistar.

A última entrevista, que também foi feita pelo Google Meet, aconteceu no dia 21 de maio de 2024, às 14 horas. A entrevistada Mariana Bonafé, mais conhecida como Mabé, tem 37 anos e é solteira. Mabé é formada em Marketing pelo Senac, trabalhou 12 anos com publicidade e agora é dona de dois podcasts, o *Modus Operandi* e o *Caso Bizarro*.

5. O LUGAR DAS MULHERES NA PODOSFERA: ANÁLISE DAS ENTREVISTADAS

Neste capítulo, analisamos as cinco entrevistas realizadas e compreendemos o que os números e as falas significam. Separando cada categoria intermediária e inicial em subcapítulos.

5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE E DADOS QUANTITATIVOS

Logo após realizadas as entrevistas, as mesmas foram transcritas e nas transcrições foram identificadas as frases relacionadas à temática da pesquisa, que equivalem às unidades de registro que foram contabilizadas. Essas unidades foram, posteriormente, classificadas em categorias iniciais e, depois, agrupadas em categorias intermediárias. Abaixo, podemos ver o quadro com as categorias intermediárias, iniciais e os conceitos norteadores de cada uma das categorias.

Quadro 1: Categorias iniciais e intermediárias

Categoria intermediária	Conceito norteador da Categoria Intermediária	Categoria inicial	Conceito norteador da Categoria Inicial
Sobrecarga	As múltiplas tarefas que as mulheres precisam desempenhar durante seus dias. Se a mulher for mãe a sua jornada de trabalho pode continuar no seu lar, pois muitas vezes tem que cuidar dos filhos e da casa sozinha.	Rotina produtiva	Produzem quase tudo nos podcasts, onde atuam; Como entrevistar, produção das próprias histórias, transcrever, revisão roteiro, edição de áudio.
		Dupla jornada de trabalho	Mulheres que são de classe social baixa e que podem ou não ser mães, precisam trabalhar às vezes em mais turnos.
Aliança feminina	Sinaliza a existência de uma rede de apoio dentro da comunidade de podcasters. Desde ouvir o episódio da outra podcaster, em não enxergar sua colega de trabalho como inimiga, ajudar com fontes e também apoiar emocionalmente.	Uma profissão feminina	Podcast que atuam são compostos por mulheres; as mulheres deram uma “explosão” de podcast no Brasil;
		Rede de apoio	Composta por editoras, amigos, amigos da comunicação, namorados, maridos e filhos.
		Cooperação feminina no trabalho	Existe apoio tanto na vida profissional quanto pessoal, entre mulheres na comunidade podcasting;

Patriarcado	Segundo Garcia (2015) esse sistema pode ser compreendido pelo autoritarismo que os homens usam sobre as mulheres e vai passando por gerações. Também é usada de forma política, econômica, religiosa e social.	Machismo	São silenciadas; projetos não iam pra frente por ser mulher; no começo da carreira não era levada a sério; geralmente homens escutam homens, gostam de histórias contadas por homens; autoritarismo com mulheres.
		Assédio sexual	Sofreram toques indesejados em seus corpos; flertes indesejados.
		Homens se sentem no poder	Os projetos não iam para frente; autoritarismo com mulheres.
		Preconceito com a voz feminina	Homens escutam mais homens; a voz da mulher precisa ser mais grave para poder ser aceita em podcasts.
Empoderamento	Algumas das entrevistadas estão em lugares de poder, são presidentes ou donas dos seus próprios negócios, além disso faz com que contratem mais mulheres e que suas vozes tenham um alcance maior.	Percentual de mulheres e homens no trabalho	Comparando os números, constatou que as equipes desses podcasts estão composta por mais mulheres.
		Lugares considerados masculinos sendo ocupado por mulheres	O podcast está abrindo caminhos para as podcasters e assim ganham destaque; também atuando em trabalhos que são considerados “masculinos”.
		Mulheres em cargo de poder	Algumas entrevistadas são presidentes, donas das empresas de podcast onde trabalham; equipes formadas por sua maioria mulheres.
		Mulheres ganhando espaço no podcast	As mulheres estão conseguindo destaque nessa profissão; ocupando cargos importantes;
Interseccionalidades	Manifestações que abordam pautas como a diversidade nas empresas de podcasts, o preconceito contra o estrangeiro e o privilégio de ser uma pessoa branca e classe média.	Xenofobia	Foi compreendido o preconceito com sotaque de uma imigrante.
		Diversidade no trabalho	Abordam a presença de minorias em equipes de trabalho, como pessoas LGBT’s, pretos, mulheres, entre outros.
		Lugar de privilégio	Algumas podcasters, que são brancas e classe média, são mais privilegiadas que outras classes.

Fonte: elaboração da autora.

O quadro obteve 16 categorias iniciais e cinco intermediárias. O agrupamento dessas categorias se deu pela proximidade entre os assuntos abordados, como por exemplo, Sobrecarga, onde foram reunidas as categorias iniciais Rotina Produtiva e Dupla jornada de

trabalho. Manifestações que explicam as múltiplas tarefas que as mulheres precisam desempenhar durante seus dias. Se a mulher for mãe a sua jornada de trabalho pode continuar no seu lar, pois muitas vezes tem que cuidar dos filhos e da casa sozinha.

Na sequência, a Tabela de categorias intermediárias e iniciais, mostra as respostas das entrevistadas distribuídas nas categorias. No total, foram contabilizadas 123 unidades de registro.

Tabela 1: Categorias intermediárias e iniciais respectivas unidades de registro

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Sobrecarga	Rotina produtiva	3	3	2	1	4	13
	Dupla jornada de trabalho	4	0	0	0	2	6
Aliança feminina	Uma profissão feminina	2	2	1	1	2	8
	Rede de apoio	4	3	3	2	2	14
	Cooperação feminina no trabalho	4	3	2	1	2	12
Patriarcado	Machismo	7	1	0	1	2	11
	Assédio sexual	6	3	0	1	1	11
	Homens se sentem no poder	2	0	0	2	2	6
	Preconceito com a voz feminina	3	1	0	1	0	5
Empoderamento	Percentual de mulheres e homens no trabalho	1	1	1	2	2	7
	Lugares considerados masculinos sendo ocupados por mulheres	1	2	0	1	0	4
	Mulher em cargo de poder	1	2	2	6	1	12
	Mulheres ganhando espaço no podcast	1	1	1	1	0	4
Interseccionalidades	Xenofobia	0	0	1	0	0	1
	Diversidade no trabalho	0	1	1	1	1	4
	Lugar de privilégio	0	0	0	1	4	5
TOTAL		39	23	14	22	25	123

Fonte: elaboração da autora

Na tabela acima, observamos que a categoria intermediária Aliança Feminina foi a mais falada pelas podcasters, totalizando 34 respostas. Já a categoria inicial mais comentada foi a rede de apoio com 14 respostas. A categoria de interseccionalidades foi a que menos apareceu, foram no total 14 respostas. Mesmo que quatro delas tenham falado sobre diversidade no trabalho, foram falas sucintas ou apenas citaram o assunto.

Nas categorias iniciais machismo e assédio sexual, as mulheres mais novas responderam mais. Muitas relatam que por serem novas no trabalho ou por trabalharem com a

voz os homens se sentem no direito de fazer algum comentário ou tocar em seus corpos. O cenário muda com as duas podcasters que são mais velhas, pois estão em situação de poder e pela própria ideia do patriarcado de valorização da juventude da mulher. Mas não tira o fato de todas sofrerem ou poderem sofrer assédio.

Uma categoria que precisa de destaque é mulheres em cargo de poder. Todas as entrevistadas citaram algum podcast que é ou já foi considerado “grande” no Brasil, que é composto por mulheres, como o próprio *Rádio Novelo Apresenta, Mamilos, Bom dia, Obvious, O Assunto, Café da Manhã*. São podcasts que as mulheres narram, são donas ou de alguma forma estão ali. A Heloiza Barbosa (2024) cita que “bom, eu acho que as mulheres foram meio que fundamentais no podcast brasileiro de trazer esse podcast mais narrativo.”

Neste subcapítulo, vimos o quadro e a tabela de dados que obtivemos com as falas das entrevistadas e explicamos alguns dados. Nos próximos subcapítulos, vamos analisar detalhadamente cada uma das categorias intermediárias e suas respectivas categorias iniciais.

5.2 SOBRECARGA

Nesta categoria vamos discorrer sobre a categoria intermediária Sobrecarga, que reúne as manifestações relacionadas às múltiplas tarefas que as mulheres precisam desempenhar durante seus dias, dentro e fora do ambiente de trabalho. Se a mulher for mãe a sua jornada de trabalho pode continuar no seu lar, pois muitas vezes tem que cuidar dos filhos e da casa sozinha. Esta categoria intermediária agrupa as categorias iniciais que são Rotina Produtiva e Dupla Jornada.

Como Rotina Produtiva entendemos as unidades de registro que falam sobre as diferentes atividades desenvolvidas pelas mulheres na produção dos podcasts onde atuam, como entrevistas, produção de histórias, transcrevem, revisão de roteiro e edição de áudio. Já a Dupla Jornada de Trabalho aborda, principalmente, as falas das podcasters que têm filhos e que relatam possuir mais dificuldades em dar conta da rotina profissional e pessoal, pois existe uma demanda maior. Além disso, existem mulheres de classes sociais mais baixas e que precisam trabalhar em vários turnos. Na Tabela a seguir, detalhamos as unidades de registro destas categorias.

Tabela 2: Unidades de registro da categoria intermediária Sobrecarga.

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Sobrecarga	Rotina produtiva	3	3	2	1	4	13
	Dupla jornada de trabalho	4	0	0	0	2	6

Fonte: elaboração da autora

Nessa Tabela foram constatadas ao todo 19 respostas, em Rotina Produtiva foram 13 respostas e em dupla jornada de trabalho foram seis respostas. Na categoria de rotina produtiva todas falaram, sendo Natália a que falou mais. As podcasters que falaram sobre a dupla jornada de trabalho, foram Natália e Jessica.

Essas duas categorias salientam que as mulheres vivem a sobrecarga no dia a dia. Suas rotinas podem ser consideradas exaustivas, pois as podcasters relatam que “realizam tudo” dentro dos podcasts e precisamos lembrar que elas também têm vida pessoal. Das entrevistas a Branca e Heloiza são mães e isso faz com que a sobrecarga aumente. Natália (2024) menciona: “as redações por onde eu passei, tinham muitas mulheres que faziam aquele lugar funcionar e que boa parte do tempo era muito mais fundamentais, para manter o lugar de pé do que os homens”. Percebe-se na citação da jornalista que as mulheres desempenham diversas funções no ambiente de produção dos podcasts, o que pode ser visto como algo digno, mas existe o outro lado que socialmente mulheres são designadas a deixar o local em ordem, como disse “manter o lugar em pé.”

A Rotina Produtiva dessas podcasters pode ser considerada como qualquer outro trabalho, mas comandar uma empresa e ainda estar na produção de episódios, não é uma tarefa fácil. Demanda tempo e como Mabe (2024) fala “ trabalho é tempo e a gente sabe que nem todas as mulheres possuem esse tempo, né?.”

“Eu entrevisto, eu escrevo roteiro, porque tudo, tudo para mim tem que ser escrito, né? Então o roteiro é todo escrito depois das entrevistas. E então escrevo roteiro, eu edito, eu volto o áudio. Eu ponho tudo junto”, explica Heloiza Barbosa (2024) sobre seu trabalho. A declaração exemplifica o acúmulo de funções na rotina produtiva dos podcasts. Todas as entrevistadas falaram que fazem quase tudo, às vezes a única função que não desempenham é a edição de som.

Na Dupla Jornada de Trabalho, entendemos que algumas mulheres precisam se dividir em mais tarefas, além de só trabalhar com podcasts. A publicitária Mabe (2024) explica:

“principalmente quando a gente olha pra mulheres com classes sociais mais baixas, mulheres em situação de vulnerabilidade. Que tem filhos que tem outros trabalhos tal, né.” A fala da podcaster vai ao encontro do subcapítulo da Divisão Sexual no Trabalho, onde Kergoat (2009) cita que a dupla jornada de trabalho é como fosse um dever das trabalhadoras assalariadas.

Novamente falando do subcapítulo Divisão Sexual do Trabalho, podemos ver sobre o que Delphy (2013 apud Biroli, 2016) falaram que no sistema capitalista e patriarcal existe uma divisão entre salário de mulheres e homens. Enquanto as mulheres trabalham gratuitamente, cuidando de filhos e afazeres domésticos, isso faz com que os homens possam trabalhar e receber. O trabalho da mulher é visto como não produtivo, pois não gera dinheiro.

Neste subcapítulo, vimos sobre a Sobrecarga e suas duas categorias Rotina Produtiva e Dupla Jornada no Trabalho. Entendemos que as podcasters têm acúmulo de funções e precisam dar conta, tanto na vida profissional quanto pessoal. No próximo subcapítulo veremos sobre a aliança feminina.

5.3 ALIANÇA FEMININA

Neste bloco agrupamos as categorias iniciais e intermediária. Nas iniciais encontramos as categorias Profissão feminina, Rede de apoio e Cooperação feminina no trabalho que constitui a categoria intermediária, chamada Aliança Feminina. Respectivamente, entende-se que existe apoio entre as mulheres dentro da comunidade podcasting. Desde ouvir o episódio da outra podcaster, em não enxergar sua colega de trabalho como inimiga, ajudar com fontes e também apoio emocional.

No tema Profissão feminina é compreendida que nos podcasts onde atuam sua grande maioria é mulheres. Além disso, vemos na *Rádio Novelo Apresenta* que é uma empresa composta por mulheres e um dos meios de comunicação jornalísticos que é a Folha de São Paulo, tem uma mulher editora. Também pode ser entendido que as mulheres são o apoio uma da outra nesses espaços. Entendeu-se que na categoria Rede de apoio as podcasters têm amparo tanto na vida profissional quanto pessoal, na profissional encontram seus amigos das empresas e sócios e no pessoal, são amigos que criaram na empresa, maridos, namorados, filhos e família. O último conceito é a Cooperação feminina no trabalho, há uma união entre as podcasters de se ajudar, tanto físico como emocionalmente.

Tabela 3: Categoria Intermediária Aliança Feminina

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Aliança feminina	uma profissão feminina	2	2	1	1	2	8
	rede de apoio	4	3	3	2	2	14
	cooperação feminina no trabalho	4	3	2	1	2	12

Fonte: elaboração da autora

No total, a categoria Aliança Feminina obteve 34 respostas. Todas as podcasters manifestaram falas que foram enquadradas em todas as categorias, sendo que a categoria inicial uma profissão feminina teve oito respostas, a rede de apoio obteve 14 respostas e na cooperação feminina no trabalho foram registradas 12 respostas. A jornalista Natália foi a que mais falou sobre esse tópico e a que menos falou foi Branca Vianna. Observamos pelas falas das entrevistadas o jeito de como as mulheres se acolhem dentro do trabalho e até na vida pessoal.

Branca Vianna (2024) relata sobre a ligação que as mulheres têm dentro dos podcasts: “acho que existe bastante, até bastante. Acho que meio que com raras exceções, todo mundo torce por todo mundo, todo mundo ouve os podcasts de todo mundo, uma comenta podcast da outra nas redes e sabe, de compartilha. É, sabe aplaude o sucesso uma da outra”. Heloiza (2024) também fala: “eu recebo essa ajuda de outras podcasters, de outras produtoras de áudio.” Entende-se que dentro dessa comunidade existe a cooperação feminina, onde mulheres não se enxergam como rivais e, sim, como parceiras.

Quando discutimos no subcapítulo no 3.4 Síntese dos estudos que já existem sobre gênero e podcast, discorreremos sobre o artigo “Filhas da Guerra: uma análise da fala da mulher através do podcast”, de Amanda Alves e Luana Viana (2019). Pesquisaram sobre o episódio O Mal Puxa o Mal, do podcast Projeto Humanos, feito por Ivan Mizanzuk. Observamos que episódio é um assunto que trata sobre uma mulher e as vozes femininas são as que menos aparecem, provavelmente, se fossem mulheres dirigindo esse capítulo quem teria mais destaque seriam as mulheres, porque existe a Cooperação feminina de ouvir e querer dar espaços a essas mulheres.

As podcasters contam que tem com quem contar na vida pessoal e profissional pode ser amigos, família, sócios. Segundo Natália (2024) dentro do podcast sua Rede de apoio são mulheres.

Na minha vida profissional, eu tenho muitas pessoas que me auxiliam a maioria das mulheres. Então na *Novelo* uma empresa bastante feminina, as minhas editoras me ajudam muito a Flora, Paula com tanto com orientações em relação ao meu trabalho, quanto eu com orientações em relação a minha vida em geral assim, elas são pessoas muito importantes na minha vida. (Silva, 2024).

E ao decorrer da entrevista, a jornalista relata que também tem apoio emocional do seu namorado, família, amigos que são jornalistas e ressalta seu cachorro.

A Heloiza (2024) acredita que todo mundo precisa de alguém e não tem como trabalhar sozinha, pois dependemos do trabalho do outro.

Há, eu acho que todo mundo assim, não é não existe essa coisa de você trabalhar sozinho, lógico que a que o trabalho pesado se você principalmente com produções independentes, o trabalho pesado, você acaba fazendo e acaba fazendo sozinha. Mas esse sozinha não é completamente sozinha, porque você precisa de pessoa (Barbosa, 2024).

A entrevistada Jéssica explica sobre a sua Rede apoio. Cita seu parceiro de trabalho Vinícius, amigos da comunicação e produtores de podcasts.

Observamos que todas compartilham a sua vida com alguém, ajudando com a rotina do dia a dia.

Tereza Cristina Tesser (2003) analisou que “várias mulheres participavam da vida política, social e cultural do país” (Tesser, 2003, p.2), em 1922, quando o Brasil teve a primeira transmissão radiofônica. Tesser (2003) explica que o aparecimento das mulheres no rádio ainda era escasso, apareciam como professoras de música ou canto, onde levavam suas alunas da sociedade para mostrar seus dons.

Ainda as mulheres são minoria nesse meio, mas aos poucos estão ganhando voz (Brito et al, 2017 apud Winter; Viana, 2021, p. 7). Não é diferente no podcast, as mulheres ainda estão trilhando seu lugar.

Isso ainda acontece nos dias de hoje, Natália (2024) explica que o jornalismo é uma profissão desafiadora para as mulheres.

Mas eu acho que é uma profissão que é dura, também né. Uma profissão que paga mal, que você não tem estabilidade financeira, você não tem estabilidade nem na sua rotina. Então como normalmente, recai sobre a gente fazer funções que fazem o resto da vida funcionar, vida pessoal, enfim é bastante duro ser mulher no jornalismo. (Silva, 2024).

Mesmo com obstáculos, as entrevistadas enxergam essas mídias como uma profissão feminina. A jornalista Jéssica durante a entrevista, conta que o podcast é restrito, mas as

mulheres conseguem um equilíbrio. Mabé (2024) traz que existiam movimentos de mulheres dentro da comunidade podcasting.

Eu sei, que tinha um movimento de mulheres de podcasts que era quase como um coletivo de mulheres que trocam ideias sobre e tal, mas eu nunca fiz parte assim nunca é, eu acho que assim de certa forma faz parte, porque eu tô ali convivendo, tô ali produzindo junto com as minas, vou no podcast delas, trago elas para os meus e tal. (Bonafé, 2024).

Neste subcapítulo, falamos sobre a Aliança feminina, como as mulheres se ajudam e também que não conseguimos ser sozinhos. Precisamos do apoio do outro. No próximo subcapítulo vamos entender sobre patriarcado.

5.4 PATRIARCADO

Nesta categoria agrupamos as categorias iniciais Machismo, Assédio Sexual, Homens se Sentem no Poder e Preconceito com a Voz Feminina, que formou a categoria intermediária Patriarcado. No subcapítulo 2.2 Divisão Sexual no Trabalho, segundo Garcia (2015) esse sistema pode ser compreendido pelo autoritarismo e os homens usam sobre as mulheres e vai passando por gerações. Também é usada de forma política, econômica, religiosa e social.

Vamos explicar os conceitos norteadores dessa categoria. Como Machismo, identificamos situações pelas quais as entrevistadas passaram e nos relataram nas conversas. Algumas entrevistadas receberam comentários desnecessários sobre a voz, relataram que os chefes são mais rígidos com as mulheres do que com homens e, também, que quando a mulher é mais nova tende a sofrer mais e não ser levada a sério. Na categoria Assédio Sexual, registramos as falas que se referem a comportamentos inadequados ao ambiente de trabalho, como chefes (homens) que tocam em seus corpos sem autorização e direcionam flertes indesejados.

Já em Homens se sentem no poder reunimos as falas que se referem à presença de homens em posições de liderança e como isso torna mais difícil para as mulheres conseguirem trabalhar, pois pode haver um assédio sexual e também o autoritarismo. A última categoria inicial agrupada em Patriarcado foi o Preconceito com a voz feminina, entendido que homens preferem escutar vozes masculinas e se escutarem uma voz feminina, quase sempre é mais grave.

Tabela 4: Categoria Intermediária Patriarcado

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Patriarcado	Machismo	7	1	0	1	2	11
	Assédio sexual	6	3	0	1	1	11
	Homens se sentem no poder	2	0	0	2	2	6
	Preconceito com a voz feminina	3	1	0	1	0	5

Fonte: elaboração da autora

Segundo o capítulo divisão sexual, Garcia (2015) explica que o patriarcado é uma forma de dominação masculina e isso cria ciclos, como maridos sobre as esposas, dos velhos sobre os jovens. O patriarcado conseguiu um poder sobre a sexualidade e reprodução feminina.

O patriarcado está em detalhes, quando não permitimos que as vozes femininas sejam ouvidas, quando os homens substituem o lugar de uma mulher no trabalho, apenas por ser homem ou subestima sua capacidade. Até nós mulheres somos reféns desse sistema quando² achamos normal sermos tratadas com machismos, os assédios “sutis”.

No total, a categoria intermediária Patriarcado somou 33 respostas. Tanto na categoria sobre Machismo quanto Assédio Sexual registramos 11 respostas cada. Já na categoria Homens se sentem no poder contabilizamos seis respostas e no Preconceito com a voz feminina obtivemos 5 respostas.

Antes de entrar nos temas observamos que Heloiza não discorreu sobre assuntos e Branca Vianna falou pouco. Muito se dá, por serem mulheres que já entraram no universo dos podcasts em posição de chefia, tendo mais tempo de carreira e idade. Diferenciando-se das outras mulheres que entraram na comunicação mais cedo e tiveram que passar por opressões ou assédios.

Branca Vianna (2024) conta que começou o podcast Maria vai com as outras, com 58 anos. Considera que quanto mais velha fica, os assédios ou opressão vão ficando mais fáceis, pois fica mais forte na profissão e é difícil de levar uma “rasteira”. E continua comentando que o fato das mulheres serem mais novas faz com que se tornem mais vulneráveis para assédio sexual ou moral.

Na categoria Machismo as podcasters evidenciaram que os chefes eram mais autoritários com mulheres, eram silenciadas e duvidavam das suas capacidades por serem mais

² Entendemos que o patriarcado perpassa e influencia todas as categorias anteriores. Nesta pesquisa, empregamos esse conceito para agrupar categorias específicas que dizem respeito ao domínio masculino sobre as mulheres.

novas. Segundo a socióloga Bruna Cristina Jaquetto Pereira, em entrevista para o UOL, explica que no machismo existe essa distinção entre homens e mulheres.

Dentro dessa ideia, homens seriam racionais, inteligentes, fortes, objetivos, sempre prontos ao ato sexual e as mulheres, fracas ou delicadas, emotivas, incapazes de racionalidade, subjetivas e não interessadas em sexo. (Pereira, 2021, online.)

Vamos ressaltar algumas frases que foram citadas pelas podcasters ao responderem o questionamento. Jéssica Almeida (2024) explicou que sofria abordagens não solicitadas, chefes mais hostil com as mulheres do que com homens.

Aqueles mais sutis assim, né? Nada, muito ostensivo, ninguém foi muito explicitamente inadequado, mas assim já tive tanto chefe. Senti que o chefe às vezes ele era mais rígido e mais desagradável nas palavras e que ele usava com as mulheres do que com os homens e a abordagens não solicitadas. (Almeida, 2024).

Natália Silva (2024) conta que em trabalhos antigos, não respeitam o limite físico, como toques em seu corpo.

Não respeitavam limites enfim físicos, às vezes colocavam uma mão em mim, enquanto eu tava na redação. No meu ombro que era uma coisa que me pegava bastante e eu já fui assediada em outros contextos também, né assediada sexualmente, principalmente né em outras redações pelo qual eu passei. (Silva, 2024).

A podcaster Mabe, relata que sofreu assédio moral como ser calada e seus projetos não irem para frente no local onde trabalhava.

Mas eu sofri alguns assédios no sentido de não deixar falar, né. Não deixar a ideia ir para frente, mas esse tipo de coisa, assim um pouco no início da carreira não se levada a sério coisas nesse sentido. (Bonafé, 2024).

Antes de discutirmos as frases que foram citadas, vamos entender o que é assédio sexual. Isabel Dias, no artigo “Violência contra as mulheres no trabalho. O caso do assédio sexual”, explica

O assédio sexual corresponde a uma situação em que um comportamento indesejado de carácter sexual se manifesta sob a forma física, verbal ou não verbal, com o objectivo de violar a dignidade da pessoa e de criar um ambiente intimidativo, hostil, humilhante ou ofensivo. Consiste num comportamento de conotação sexual, não desejado pela destinatária, que ofende a sua integridade física e moral, o seu desempenho e progresso profissionais, violando o seu direito, constitucionalmente garantido, ao trabalho e ao emprego em igualdade de circunstâncias. (Dias, 2008, p.2).

Desde pequenas somos submetidas a assédios e crescemos achando normal algumas atitudes e isso é refletido quando Jéssica fala que sofreu assédio “sutil”. Essas três mulheres relatam que já sofreram assédio em seus trabalhos e todas estavam num lugar de subordinadas, mas quando viraram chefes dos seus próprios negócios ou trabalham para mulheres a situação muda. Porém Branca está em lugar de poder, sendo uma das presidentes do podcast Rádio Novelo Apresenta e trabalha com 17 mulheres e apenas dois homens, isso traz certa liberdade e não sofrer opressão no trabalho.

Branca (2024) comenta que nós mulheres precisamos saber como os homens funcionam, porque é questão de sobrevivência. Mais uma vez, mostra como os homens se sentem donos das mulheres e fazem o que bem entendem, dentro de trabalhos, nas suas casas, em lugares públicos e até em transporte coletivo.

Entrando na categoria Preconceito com a voz feminina, compreendemos que homem gosta de escutar e consumir homens e no subcapítulo, 3.3 Dados de produção e consumo de podcast no Brasil, foi explicado que ABPod analisou dados da Pod Pesquisa de 2019 e 2020 e explica que em 2018, os homens eram os que mais ouviam podcasts com 84% e só 16% de mulheres e em 2019 os homens também dominaram.

Branca (2024) observa que homem prefere escutar história contada por homem. Existe falta de interesse de ouvirem vozes femininas, se ouvir tem que ser “grave”, pois remete ao masculino e ocorre casos de sexualizar suas vozes, como no caso da Natália (2024) “eu já recebi várias mensagens no *Instagram* de pessoas falando sua voz é sexy, sua voz é muito bonita e eu fico é sabe eu não sei responder.” Em outro trecho complementa que tendo a voz grossa a favorece, porque estamos acostumados a escutar vozes masculinas.

Um pouco preconceito da audiência também de não estar acostumado a ouvir voz de mulher e não querer ouvir voz de mulher e eu acho que se reflete até sei lá nas vozes femininas que são aceitas dentro da do podcast e que narram enfim eu por exemplo, eu tenho voz grossa e eu acho que isso me favorece, porque eu acho que se eu tivesse uma voz super aguda seria muito mais difícil para mim você aceita pela audiência sabe?. (Silva, 2024).

Neste subcapítulo, vimos os dados quantitativos relacionados à categoria Patriarcado, a partir das falas das entrevistadas sobre o que tiveram que enfrentar em trabalhos passados e que o respeito só vem quando estão em lugar de privilégio. No próximo subcapítulo, iremos analisar a categoria intermediária Empoderamento.

5.5 EMPODERAMENTO³

Nesta categoria agrupamos as categorias iniciais Percentual de mulheres e homens no trabalho, Lugares que são considerados masculinos, sendo ocupados por mulheres, Mulheres em cargo de poder e Mulheres ganhando espaço no podcast, que formou a categoria intermediária Empoderamento. É interessante lembrar que algumas das entrevistadas estão em posições de poder, são presidentes ou donas dos seus próprios negócios e, além disso, contratam mais mulheres para que suas vozes tenham um alcance maior.

O conceito norteador da categoria inicial Percentual de mulheres e homens no trabalho foi constatado nas empresas onde atuam que as existem mais mulheres trabalhando e em cargos de poder. E em lugares que são considerados masculinos sendo ocupados por mulheres, entende-se que as mulheres estão operando em lugares que eram ou podem ser vistos como trabalho para homens.

Já em mulher em cargo de poder, reuniram-se as falas que evidenciam a presença de mulheres em posições de destaque tanto na televisão, quanto nos podcasts, como Branca Vianna, Magê, Natuza Nery e Renata Lo Prete, algumas como donas dos podcasts e outras como vozes principais. Em mulheres ganhando espaço no podcast, observamos que as empresas onde as podcasters trabalham são majoritariamente femininas, além de vários podcasts que podem ser considerados famosos, serem produzidos por mulheres.

Tabela 5: Categoria intermediária Empoderamento

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Empoderamento	Percentual de mulheres e homens no trabalho	1	1	1	2	2	7
	Lugares considerados masculinos sendo ocupados por mulheres	1	0	0	1	0	4
	Mulheres em cargo de poder	1	2	2	6	1	12
	Mulheres ganhando espaço no podcast	1	1	1	1	0	4

Fonte: Elaboração da autora

³ O empoderamento que falamos não é esse que é vendido por blogueiras ou *coaches*. Compreendemos esse termo por meio de Berth (2018): “ao traçar a genealogia do conceito, nessa abordagem, o empoderamento deve incluir as dimensões cognitiva, psicológica, política e econômica, e toma a forma de enfrentamento da opressão e equalização da existência em sociedade, em um processo que parte da tomada de consciência individual, mas deve necessariamente chegar ao coletivo, pois somente a transformação social permite o enfrentamento dos sistemas de dominação” (Berth, 2018. p. 77).

Nesta categoria podemos ver que existe um lado positivo para as mulheres que atuam em mídias sonoras. Maria Helena Santana Cruz escreveu, no artigo “Empoderamento das mulheres”:

É preciso compreender que o processo de empoderamento das mulheres tem que desenvolver uma nova concepção de poder, que assuma formas de democracia e poder compartilhado, favorecendo a construção de novos mecanismos de responsabilidade coletiva, da tomada de decisões e de responsabilidades. Entende-se que nenhuma forma de controle é absoluta e, assim, sempre haverá algum espaço, mesmo reduzido, que permitirá a existência de autonomia. (Cruz, 2018.p 107.).

A categoria Empoderamento somou 27 respostas. O percentual de mulheres e homens no trabalho obteve sete respostas. As categorias lugares considerados masculinos sendo ocupados por mulheres e mulheres ganhando espaço no podcast tiveram o mesmo número de respostas, que foram quatro, e mulheres em cargos de poder obteve 12 respostas.

As podcasters que mais falaram sobre esses temas foram Branca Vianna, por estar em um lugar de poder, enquanto a que menos falou foi Mabe. As entrevistadas explicam que em seus locais de trabalho a maioria da equipe é formada por mulheres; ou trabalha sozinha ou é uma mulher e um homem.

Heloiza Barbosa defende que foram as mulheres que impulsionaram o podcast no Brasil, e cita Mamilos, 37 Graus, Maria vai com as outras. Segundo ela, depois desses, houve uma explosão de outros podcasts.

Eu acho que o podcast né quando começou no Brasil foram as mulheres que começaram. Os primeiros podcasts que alcançaram o público foi os mamilos, né feito por duas mulheres, depois veio o podcast de ciência maravilhoso 37 graus feito por duas mulheres jornalistas. Depois veio o primeiro podcast da Branca Vianna que era Maria vai com as outras, né? A então eu não sei, foram as mulheres para mim que realmente começaram a fazer um trabalho inovativo do podcast, os Mamilos eram um podcast mais jornalístico. E aí depois né? O 37 graus, a Maria vai com as outras, né? E aí começou a explosão do podcast narrativo, né feito por mulheres, então eu acho isso assim divino. (Barbosa, 2024).

A jornalista Jéssica, relata que a editora do podcast da *Folha de São Paulo* é uma mulher, a jornalista Magê Flores. A fala da entrevistada, indica que as mulheres estão tendo maior espaço dentro do podcast, vai ao encontro no que abordamos no subcapítulo 3.3 Dados de Produção e Consumo de Podcast no Brasil. Antunes (2023) salienta algumas podcasters que se sobressaem nessa mídia como Giovana Ewbank e Fernanda Paes do *Quem pode, pod* de Giovana Ewbank e Fernanda Paes que deixou o podcast em 2023 e Bruna Uzueta e Tata Estaniecki do *Poddelas*.

Branca Vianna (2024) cita o ranking brasileiro de podcasts no *Spotify* e neles estão, *Café com Deus Pai* que é produzido por Junior Rostirola, *gostosas também choram* feito por Lela Brandão, *Não Inviabilize* da Deia Freitas, *PodPah* feito pelos youtubers Igã e Mítico e o *Café da Manhã* que é apresentado por Magê Flores. Mostrando que de cinco, três são mulheres que apresentam.

Branca (2024) traz seu ponto de vista sobre essa mídia sonora, acha que no Brasil os podcasts femininos têm bastantes ouvintes.

Eu não sei te dizer, porque eu tenho a impressão que no Brasil pelo menos os podcasts femininos tem bastante audiência, ele tem bastante destaque é. Aí eu não sei qual é a eu imagino que aqui seja parecido com o resto do mundo. (Vianna, 2024).⁴

A categoria Empoderamento envolve todas as categorias iniciais acima, pois compreendemos que vivemos num sistema patriarcal e quando as mulheres entendem o valor da palavra empoderamento e tomam para si, esses lugares que apenas homens atuavam começam a pertencer às mulheres. Em um trecho da entrevista, Natália Silva fala “eu conheço muitas mulheres editoras de som, que trabalham com edição de som com coisas técnicas que normalmente são associadas a homens, conheço muitas mulheres que fazem isso.”

Neste subcapítulo, discorreremos sobre o empoderamento feminino na podosfera, a partir da percepção das entrevistadas sobre como as mulheres estão ganhando destaque nesse meio da comunicação. No próximo subcapítulo abordaremos a última categoria intermediária, em que vamos falar sobre interseccionalidades.

5.6 INTERSECCIONALIDADES

Nesta categoria agrupamos as categorias iniciais que são xenofobia, diversidade no trabalho e lugar de privilégio, formando a categoria intermediária Interseccionalidades⁵, que pode ser entendida pela abordagem à presença de grupos minoritários na podosfera, abordando pautas como a diversidade nas empresas de podcasts, o preconceito contra o estrangeiro e o privilégio de ser uma pessoa branca e classe média. A primeira categoria inicial é xenofobia que segundo Bárbara Correia Florêncio Silva, et al., (2021) do site do Politize pode ser definido

⁴O *ranking* do *Spotify* pode mudar ou ser diferente para cada um.

⁵ O conceito de interseccionalidade é explicado pela Crenshaw (2002 apud Oliveira e Hogemann, 2021, p. 47). A autora teve esse entendimento quando idealizou o termo interseccionalidade para demonstrar a interrelação de dependência das relações de poder de raça, sexo e classe, as quais as mulheres negras estão submetidas e por isso profundamente marginalizadas. (Crenshaw, 2002 apud Oliveira e Hogemann, 2021. p. 47).

como “consiste na rejeição e discriminação contra estrangeiros ou estranhos devido às suas características culturais, sociais e política.” Essa categoria foi criada a partir da entrevista da podcaster Heloiza Barbosa, que mora em Boston, Estados Unidos, e relata que não é convidada para narrar episódios de podcast por ter sotaque brasileiro.

Outra categoria inicial é a diversidade no trabalho, entendemos que os podcasts estão contratando minorias na equipes de trabalho, como pessoas LGBT’s, pretos, mulheres, entre outros. A última categoria é lugar de privilégio, em que agrupamos os trechos que algumas entrevistadas discorreram sobre seu lugar de privilégio por serem brancas, de classe média e por serem donas dos seus podcasts, o que as mantém em um lugar confortável de viver e além de terem mais benefício.

Tabela 6: Categoria Intermediária Interseccionalidades

Categoria intermediária	Categoria inicial	Natalia	Jessica	Heloiza	Branca	Mabe	TOTAL
Interseccionalidades	xenofobia	0	0	1	0	0	1
	diversidade no trabalho	0	1	1	1	1	4
	lugar de privilégio	0	0	0	1	4	5

Fonte: Elaboração da autora

Para entender essa categoria, precisamos explicar o que é interseccionalidade. Segundo Julia Ignacio, do site Politize,

O termo interseccionalidade nos permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Pode ser considerado como uma ferramenta analítica importante para pensarmos sobre as relações sociais de raça, sexo e classe, e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes. (Ignacio, 2020. on-line).

Essa categoria intermediária teve 10 respostas, sendo que em xenofobia registramos uma resposta; diversidade no trabalho quatro respostas; e lugar de privilégio, cinco respostas. Sendo Mabe a que mais falou sobre o tema e Natália não falou sobre os assuntos.

A podcaster Heloiza (2024), que mora em Boston, Estados Unidos, explica:

Eu sou brasileira e quando eu falo inglês, eu falo inglês com sotaque e eu gosto de ter o sotaque de brasileira falando inglês. Agora logicamente por exemplo não é assédio, mas pelo fato de eu ser imigrante, né? Pelo fato de eu falar inglês é difícil, por exemplo, eu trabalhar. Ninguém vai me chamar para falar assim, vai ser o apresentadora desse podcast em inglês. Não, isso não vai rolar, né?. (Barbosa, 2024).

Sobre diversidade no trabalho percebemos que existe um cuidado, no ambiente de produção de podcasts, de contratar grupos minoritários, desde dar vozes às pessoas negras, LGBT, mulheres como narradoras, até incluí-las em outras funções na produção dos podcasts, como a edição de áudio. Mabé (2024) explica que a equipe do seu segundo podcast, *Caso Bizarro*, é composta por mulheres e LGBTs “ele é majoritariamente produzido por mulheres, feito de certa forma por pessoas lgbs, e os convidados, em sua maioria, são uma mulheres e LGBTS.”

A jornalista Jéssica (2024) fala que no seu podcast, *Pelo Averso*, também buscam trazer diversidade:

A gente tem essa de ir atrás de pessoas pretas e pessoas LGBT também. Então a gente contratou uma agência também que é de um cara com uma menina, um cara gay com uma menina, então quando a gente precisa contratar apoio a gente tenta observar isso por contratar mulheres, pessoas e a lgbs e pessoas com deficiência. (Bonafé, 2024).

Observa pelas falas das entrevistadas, a manifestação da chamada quarta onda do feminismo e no subcapítulo Feminismo e Gênero trouxemos Silva e Pedro (2016) que explicam que a quarta onda feminista é um feminismo de correntes horizontais, como negro, lésbico, masculino e os LGBTT. É uma nova forma de olhar para esse movimento e incluindo todos.⁶

Na categoria lugar de privilégio, observamos algumas falas que mostram que o podcast não é um lugar igual para todos. Branca Vianna (2024) cita: “ para me derrubar. Tem que ser tem que ser muito forte do que eu né? é difícil, porque eu sou dona da minha própria empresa, eu tenho 62 anos. Eu tenho liberdade absoluta e faço o que eu quiser, eu sou branco, eu sou privilegiada.”

Mabé (2024) também relata: “sou uma mulher branca, faço parte de uma classe social, é classe média. Então acredito que eu tenha muitos privilégios que outras mulheres muitas vezes não conseguem alcançar.” Isso remete ao subcapítulo sobre a Divisão Sexual no Trabalho, quando citamos hooks (2018) que analisa que mulheres com privilégios têm o luxo de sonhar em trabalhar, além de trabalhar em casa. Acham que se receberem um salário, serão economicamente autossuficientes. Enquanto mulheres assalariadas sabem que não é o salário que irá libertá-las.

Nesta última categoria, vimos o que é interseccionalidade, também o significado de xenofobia e a inclusão dentro dos podcasts. No próximo subcapítulo, apresentaremos uma síntese geral acerca dos dados obtidos.

⁶ A sigla LGBT's foi descrita LGBTT pelas autoras Silva e Pedro (2016).

5.7 SÍNTESE GERAL

Neste capítulo, vamos sintetizar as categorias intermediárias que foram sobrecarga, aliança feminina, patriarcado, empoderamento e interseccionalidades. Em cada um dos temas foi explicado o porquê.

Percebe-se que mesmo que o podcast tenha grandes nomes femininos e que as mulheres estejam nos rankings de podcasts, ainda existem muitas dificuldades. Considerando os obstáculos de ser mulher, dificulta se tiver filhos, ter duplas jornadas de trabalho, sofrem com episódios de assédio por parte de homens em seus trabalhos e o preconceito dos homens em seus conteúdos.

Porém nem tudo é ruim, os números mostram que as mulheres estão crescendo nas plataformas e que a comunidade podcasting está disposta a acolher mulheres que queiram entrar nesse mundo. Sabemos que, desde a história do rádio, existem adversidades na caminhada feminina nas mídias sonoras, e não seria diferente nos podcasts. Como Branca Vianna (2024) falou:

Eu quero mais, eu quero mais. Na minha opinião, precisa ter mais. Eu quero mais mulher, mais mulher em posição de poder, eu quero mais mulher nas posições de poder, aprovar um projeto de poder, dar sinal verde para os projetos, mais mulheres nas plataformas, mais agências de publicidade nas marcas que anunciam em podcast, que são quem torna tudo isso viável. Porque é caro fazer podcast, é muito difícil você manter uma produtora de podcast, é tipo um leão por dia. (Vianna, 2024).

Além disso, estão ocupando mais espaços, assumindo cargos de destaque, liderando equipes cada vez mais femininas e as podcasters não se veem como rivais, pois uma precisa da outra. Também a pluralidade nos podcasts, onde todos têm voz, mas ainda assim as vozes femininas precisam chegar mais longe. Que todos escutem, sem preconceitos ou sem sexualizar essas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se centralizou na entrevista, para isso foram feitas dezesseis perguntas, com temas sobre vida profissional, pessoal, atuação no jornalismo e podcast. A entrevista constituiu cinco entrevistadas que são: Natália Silva, Jéssica Almeida, Heloiza Barbosa, Branca Vianna e Mariana Bonafé.

Para realizar este trabalho, utilizamos o método da Entrevista, junto com o método Bola de Neve e Análise de Conteúdo. A técnica *snowball* ou bola de neve foi necessária, pois cada entrevistada citou outros podcasters, até chegar em cinco profissionais.

Por meio das suas respostas, conseguimos entender o lugar das mulheres na podosfera brasileira. Observamos que as podcasters encontraram seu local nos podcasts, trabalhando em vários setores, como editando áudio, narrando, revisando roteiro e entrevistando, mas ainda precisamos que as vozes femininas sejam mais valorizadas e ouvidas.

Durante o estudo buscamos entender a divisão sexual no trabalho, onde percebemos que existe uma desigualdade entre mulheres e homens nessa mídia, pois vivemos num sistema patriarcal. As falas das entrevistadas ressaltaram os obstáculos por serem mulheres na podosfera. Por outro lado, as entrevistadas continuam lutando para garantir espaços. Esses podcasts são compostos por sua maioria de mulheres, dão oportunidades a todas as pessoas, de todas as sexualidades, cores e classes sociais. Ressalto que algumas entrevistadas entendem seus privilégios dentro dessa mídia sonora.

Também trouxemos dados sobre podcasts que explicam que ainda é uma mídia a ser explorada. Na Introdução, compreendemos que os estudos sobre feminismo e mulheres no podcast são poucos, o Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no grupo de pesquisa de Rádio e Mídia Sonoras destaca que desde 2018 até 2022, foram 41 artigos sobre podcast e apenas dois sobre feminismo.

Apontamos alguns desafios nesse estudo, o primeiro é contato com algumas podcasters, alguns e-mails e mensagens nunca foram respondidos, outras não tinham disponibilidade e também teve a questão das chuvas no Rio Grande do Sul que afetou a internet, fazendo com que entrevistas fossem remar cadas ou a conexão ficava fraca.

O estudo avançou na compreensão do lugar que vem sendo ocupado pelas mulheres na podosfera brasileira, identificando conquistas e desafios enfrentados na carreira a partir das vivências das profissionais entrevistadas. Neste sentido, observa-se que algumas entrevistadas

já alcançaram o auge da carreira, sendo criadoras dos seus podcasts, mas mesmo assim precisam ser mais ouvidas.

Assim, reafirma-se a relevância desta pesquisa ao apresentar a perspectiva das mulheres a partir de suas próprias vozes, realizando uma análise de áreas que são pouco exploradas, podcast e feminismo. Espero que os resultados desta pesquisa e as reflexões, ajudem os pesquisadores a entender esses temas, pois são assuntos admiráveis e necessários para a sociedade. Anseio em que cenários futuros possamos ver e escutar mais mulheres e que todas tenham as mesmas possibilidades.

REFERÊNCIAS

ABPOD. **Participe da campanha #opodcastédelas2022.** Disponível em: <https://abpod.org/participe-da-campanha-opodcastedela>. Acesso em: 27 nov. 2023

ALMEIDA, Jéssica. Entrevista concedida à autora em 10 de abril de 2024. Online, 2024.

ALMEIDA, Jéssica; VINICIUS LUIZ. **Pelo Averso.** Disponível em: <https://peloavesso.com/sobre-nos/>.

ALVES, Amanda; VIANA, Luana. **“Filhas da Guerra”: uma análise da fala da mulher através do podcast.** In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIEDADE DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, n. XXIV. 2019. Anais eletrônicos [...] Vitória. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos>.

ANTUNES, Ana Luiza. **Podcasts de mulheres dominam audiência com papos íntimos e atraem celebridades; conheça principais.** Estadão. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/musica/podcasts-de-mulheres-lideram-audiencia-com-papos-intimos-e-atraem-celebridades-conheca-principais/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

A era dos podcasts. **Metrópoles.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/m-m>). Acesso em: 30 mai. 2022.

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda.** In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIEDADE DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, n. 41. 2018. Anais eletrônico [...] Joinville. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0147-1.pdf>.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve).** REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 27, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193>.> Acesso em: 30 nov. 2023

BARBOSA, Heloiza. Entrevista concedida à autora em 19 de abril de 2024. Online, 2024.

BARBOSA, Heloiza. Faxina Podcast. **Cartografias de migrações.** Disponível em: <https://www.faxinapodcast.com/>.

BIROLI, Flávia. **Divisão sexual do trabalho e democracia.** Dados, v. 59, p. 719-754, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/kw4kSNvYvMYL6f>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 22, n. 1, 2021. Disponível em: < <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/empresarial/article>.> Acesso em: 27 nov. 2023

BONAFÉ, Mariana. Entrevista concedida à autora em 21 de maio de 2024. Online, 2024.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG*, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315/3404>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BOTELHO, Julia. Vertentes do feminismo: conheça as principais ondas e correntes!. *POLITIZE!*. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRAZIL, Josué. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. *Vale Publicitando*. 2022. Disponível em: <https://valepublicitando.com/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podc>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CAPITANI, Lidia. Vozes que inspiram: a ascensão feminina nos podcasts. *Meio e Mensagem*. 2024. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/vozes-que-inspiram-a-ascensao-feminina-nos-podcasts#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%20anos%2C%20surgiram%20muitos,Lela%20Brand%C3%A3o%2C%20na%205%C2%BA%20posi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 08 de jul. 2024.

CARLOTO, Cássia Maria; DAMIÃO, Nayara André. Direitos reprodutivos, aborto e Serviço Social. *Serviço Social & Sociedade*, p. 306-325, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/vnGNyx7gwTS4QKvdnBRPP>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CHRISTOFARI, Fládima Rodrigues. OTA, Daniela Cristiane. Entre a religiosidade e feminismo: a abordagem sobre a igualdade de gênero na rádio Gospel H'ora. In: *INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO*, n. 43. 2020. Anais eletrônico [...] Salvador. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/re>.

CRUZ, Maria Helena Santana. Inclusão social. Diferentes olhares sobre o empoderamento das mulheres. *Revista Ibict- Inc.Soc., Brasília, DF*, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 2018. Disponível em: [Empoderamento das mulheres | Inclusão Social \(ibict.br\)](https://www.ibict.br/empoderamento-das-mulheres). Acesso em: 13 ago. 2018.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

DA SILVA, Luana Beatriz; WEIGELT, Diego. A mulher no radiojornalismo gaúcho: uma análise das rádios bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. In: INTERCOM: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, n, 41. 2018. Anais eletrônico [...] Joinville. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0156-1.pdf>.

DIAS, Isabel. Violência Contra as Mulheres no Trabalho. O caso do assédio sexual; Repositório dos Iscte. 2008. Disponível em: Repositório do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa: Violência Contra as Mulheres no Trabalho. O caso do assédio sexual (iscte-iul.pt). Acesso em: mai. 2024.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. Estudos Avançados. p. 151 - 172, fev./ dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?format=html#>. Acesso em: 03 jul. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2012. p 62-67. Acesso em: 27 nov. 2023.

E SILVA, Rebecca Corrêa; PEDRO, Joana Maria. SUFRÁGIO À BRASILEIRA: uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século XIX. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/35567/pdf/154548>

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet; MEDEIROS, Talita Gonçalves de. A atualidade da obra de Mary Wollstonecraft. 2017. Estudos Feministas. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/DZssxdXgt97Lj4kV8DXss4k>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FRANCESCONI, Aline da Silva; SCHMIDT, Anya; BIGNARDI, Felipe. Audiodramas na podosfera brasileira. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26258?mode=full>

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. Radiofonias - Revistas de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 14. n.01, p. 105-133, jan/jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832/5375>

GARCIA, Carla Cristina. Breve História do feminismo. Claridade, Edição 3, 2015. E-book Disponível em : <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR &lr=&id=U3laDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmndsBWQ/?la> >. Acesso em: 30 nov. 2023.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16ª ed - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. p. 11.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16ª ed - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. p. 25.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16ª ed - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. p. 86.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais do sexo**. In: HIRATA, H; et al. (orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.67-75. Acesso em: 27 nov. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. **Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos**. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG*, v. 11, n. 01, p. 06 - 12, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333/3405dos> (ufop.br). Acesso em: 30 nov. 2023.

IGNACIO, Julia. **O que é interccionalidade?**. **POLITIZE**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso em: 26 nov. 2023.

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Intercom**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/>.

LOPES, Leo. **PODCAST guia básico**. Marsupial, Edição 1ª, 2015. E-book. Disponível em: <https://toaz.info/doc-view-3>.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito" nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MORAES, Isabela; MEDEIROS, Letícia. **Gênero: você entende o que significa?**. **POLITIZE!**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-so>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MOREIRA, Carol; BONAFÉ, Mariana. **Modus Operandi**. Disponível em: <https://www.modusoperandipodcast.com/sobre>.

O que significa machismo? Entenda o conceito e evite replicá-lo. **DESTRETANDO - ECOA UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/04/06/o-que-significa-machismo-entenda-o-conceito-e-evite-replica-lo.htm>. Acesso em: 27 nov. 2023.

OLIVEIRA, Fábila. Saiba por que Fernanda Paes Leme encerrou parceria com Giovanna Ewbank. **Metrópoles**. Disponível em: Saiba por que Fernanda Paes Leme encerrou parceria com Giovanna Ewbank | Metrópoles (metrópoles.com). Acesso em: 27 dez. 2023.

SILVA, Rebecca Corrêa; PEDRO, Joana Maria. SUFRÁGIO À BRASILEIRA: uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século XIX. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia - MG. v. 29, n. 2 - Jul./Dez. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/35567/pdfufu.br>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

PODCAST MAMILOS. [Locução de]: Juliana Wallauer e Cris Bartis. Podcast disponível em: <https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR>.

PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS. [Locução de]: Branca Vianna. Podcast disponível em: <https://open.spotify.com/show/3auH3Lr9U9KozNhILydvke>.

PODCAST 37 GRAUS. [Locução de]: Bia Guimarães e Sarah Azoubel. Podcast disponível em: <https://open.spotify.com/show/5dvalmeT4P8oIWcPfOm9GT>.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Conversando com jornalistas. A perspectiva do interacionismo simbólico.** In: MARROCO, Beatriz. (orgs). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa.** Porto Alegre, Libretos, 2012. p. 31-43.

QUADROS, Mirian Redin. **O podcast como ferramenta de comunicação organizacional: tendências e possibilidades.** In: SCHEID, Daiane; MACHADO, Jones; PÉRSIGO, Patrícia M (orgs). **Tendências em comunicação organizacional.** Santa Maria, RS. FACOS - UFSM, 2019. p. 57. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/330/2022/04/Tendencias.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

REIF, Laura. **Radical, liberal, interseccional...Conheça as principais vertentes do feminismo.** Revista AZ Mina. 2019. Disponível em em <<https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhecacas-as-principais-vertentes-do-feminismo.>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ROVAROTO, Isabela. **Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. Exame. 2022.** Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-p>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott.** Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: [PDF] <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** Qualit@s - Revista Eletrônica,

v.17. 2015. Disponível em: 2113-7552-1-PB-libre.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net). Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA; CARMO; RAMOS, 2021. O que é xenofobia?. Politize!. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/o-que-e-xenofobia/#:~:text=Isso%20significa%20que%20a%20xenofobia,caracter%C3%ADsticas%20culturais%2C%20sociais%20e%20pol%C3%ADticas.>

SILVA, Ellis Regina Araújo da. Gênero e Feminismo no Rádio. O Programa Viva Maria da Rádio Nacional. In: ALCAR ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA, n. 10. 2015. Anais eletrônico [...] Porto Alegre. Disponível em: Gênero e Feminismo no Rádio – O Programa Viva Maria da Rádio Nacional.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021. Disponível em: <<https://scholar.archive.org/work/fdk2dgi35bh4vjgkzafi35ogwe/access/wayback/https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/download/7948/pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2023

SILVA, Natália. Entrevista concedida à autora em 29 de março de 2024. Online, 2024.

SILVA, Natália. **LinkedIn**. Disponível em:<https://www.linkedin.com/in/nataliabsilva/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris, [S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 145–166, 2020. DOI: 10.5585/rtj.v9i1.14977. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/thesisjuris/article/view/14977>. Acesso em: 8 jul. 2024.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2012. p 51-61.

TESSER, Tereza Cristina. Programas femininos tem espaços nos vinte primeiros anos do rádio no Brasil. *Comunicarte - v. 20 n. 26 (2003): Comunicarte*. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/comunicarte/article/view/13195>.

VIANNA, Branca. Entrevista concedida à autora em 07 de maio de 2024. Online, 2024.

VIANNA, Branca. Rádio Novelo. **Rádio Novelo Apresenta**. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/>.

VIANA, Luana. Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: GP Rádio e Mídia Sonora, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. 2018. Disponível : <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0470-1.pdf>

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 3, p. 5 - 8. dez./mar. 2020. Disponível em: [43248-Texto_do_Artigo-156821-2-10-20201223.pdf \(wikimedia.org\)](#).

PANTYS. Vertentes do feminismo: fique por dentro das principais com a Pantys. 2021. Disponível em:.

<https://www.pantys.com.br/blogs/pan>. Acesso em: 30 nov. 2023.

WINTER, Yasmin Lisboa. Podcasts de debate: uma análise da participação das mulheres nesse novo formato. 2020. 85 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/2680>.

WINTER, Yasmin; VIANA, Luana. A Podosfera É Delas?: um panorama histórico brasileiro sobre rádio e mulheres¹. In: ALCAR ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA, n. 13. 2021. Anais eletrônico [...] Juiz de Fora. Disponível em: https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/08/07_gt_historiadamidiasonora.pdf.

APÊNDICE A**ROTEIRO 1 - NATÁLIA SILVA - INDICOU JÉSSICA ALMEIDA**

Ana: Vou começar com o básico que eu preciso, o seu nome e a sua idade.

Natália: Meu nome é Natália Belisário Silva, eu uso mais o Silva como jornalista e eu tenho 27 anos, eu vou fazer 28 anos na segunda-feira

Ana: Sua formação, sua Universidade e o ano que você se formou?

Natália: Eu fiz jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e eu me formei em 2020.

Ana: É você tem filhos?

Natália: Não

Ana: O seu estado civil?

Natália: Solteira

Ana: Você tem alguma experiência no campo da comunicação resumidamente assim, como foi sua trajetória?

Natália: Eu comecei a trabalhar com jornalismo já na faculdade. Então eu fiz alguns estágios de jornalismo, alguns estágios de comunicação em geral, comunicação empresarial. E aí eu saindo da faculdade, eu fiz um projeto independente de podcast. E aí eu comecei a trabalhar nessa área de podcast assim primeiro foi um projeto independente e depois fui contratada pela Folha e depois eu fui para Novelo.

Ana: Assim agora a gente vai entrar em três blocos que eu separei. O primeiro é o trabalho vezes vida pessoal.

Natália: Tá bom. Quão detalhadas, você quer que seja as minhas respostas.

Ana: O quanto você quiser, se tu tem tempo ou não?

Natália: Eu vou tentar ser mais detalhada e mais concisa.

Ana: Primeira pergunta é, descreva a sua função e atividades que desempenha hoje em dia no podcast em que atua?

Natália: Tá eu sou produtora do rádio novela apresenta, hoje em dia eu produzo as minhas próprias histórias, minha principal função é produzir as minhas próprias histórias, então eu dou a ideia de pauta para minhas editoras, elas aprovam ou não. A partir do momento que elas aprovam eu entrevista, transcrevo as entrevistas. E, escrevo o roteiro do podcast a sua narração. Faço montagem que é cortar tanto, a minha locução, quanto fazer entrevistas e montar como um episódio tem que ficar, eu não trabalho mais com sonorização.

Natália: Era uma coisa que fazia antes, mas hoje em dia eu não faço e aí eu passo para frente para uma pessoa sonorizar, além disso o produzo histórias para hoje de outras pessoas então o repórteres, normalmente repórteres que não trabalharam com áudio ou que estão adaptando algum algum conteúdo que era para o impresso para o áudio. E eu faço essa função também de ser produtora deles e eu faço revisão de um roteiro na Novelo. Então eu fiz revisão de roteiro de outros projetos fiz a revisão de roteiro do projeto Quirino e eu faço revisão de roteiros de episódios de histórias do Rádio Novelo Apresenta tanto de pessoas de dentro da novela então revisão de roteiro de outros produtores como de pessoas de fora da novela.

Ana: Tá bem, você tem alguém tanto na vida profissional como na pessoa que te auxilia e de que forma?

Natália: Na minha vida profissional, eu tenho muitas pessoas que me auxiliam. A maioria mulheres, então a novela uma empresa bastante feminina, as minhas editoras me ajudam muito a Flora e Paula tanto com orientações em relação ao meu trabalho, quanto eu com orientações em relação a minha vida em geral assim, elas são pessoas muito importantes na minha vida.

Tem outras produtoras também que me ajudam, tanto a pensar história quanto a me organizar e quando eu tô sobrecarregada pegar algumas coisas para fazer também na minha vida pessoal. Eu tenho namorado, que me ajuda muito. Com apoio emocional, enfim, ele também jornalista. Então ele também me ajuda compartilhar as angústias da profissão.

Natália: É eu tenho muitos amigos jornalistas com quem eu conto para desabafar. E, muitas amigas, muitos amigos, então essa é minha rede de apoio assim a minha família me apoia. Como pode, mas eu não vim de uma família de jornalistas. E, a minha mãe é assistente social, o meu pai engenheiro. Eles vieram de um contexto muito diferente, meus pais tiveram uma situação socioeconômica muito diferente da minha é, enfim eu vivo num universo bem diferente do deles assim nesse sentido. É tem a minha irmã também, é engenheira e pesquisadora acadêmica então a gente transita em universos mais parecidos e ela é uma fonte de apoio também de inspiração e eu tenho um cachorro que é muito importante.

Ana: Agora vai entrar mais no campo do jornalismo.

Natália: Tá bom.

Ana: Já sofreu algum assédio ou opressão por ser mulher? Em algum lugar que trabalhou?

Natália: Sim, num estágio que eu fiz, muitos anos atrás. Trabalhei na capital e eu tive uma experiência muito ruim lá, eu trabalhei durante a cobertura da eleição. E aí teve uma troca de editores. Os editores que me contrataram eram pessoas ótimas, muitos profissionais e quando houve uma troca de editores. Isso mudou completamente e entraram dois homens que é que não estavam vindo de redação, que vinham mais um contexto político partidário. É quem não respeitavam limites enfim físicos, às vezes colocavam uma mão em mim enquanto eu tava na redação, no meu ombro que era uma coisa que me pegava bastante e eu já fui assediada em outros contextos também, né assediada sexualmente, principalmente né em outras redações pelo qual eu passei.

Ana: Tu acha que o jornalismo é um meio que acolhe ou reprime mulheres? e como?

Natália: Eu acho que é uma profissão muito feminina, por mais que quem esteja nos cargos de poder sejam homens. As redações por onde eu passei tinham muitas mulheres que faziam

aquele lugar funcionar e que boa parte do tempo era muito mais fundamentais para manter o lugar de pé, do que os homens. Trabalhei com homens incríveis também, é eu sempre fiquei impressionada com as mulheres. Mas eu acho que é uma profissão que é dura, também né. Uma profissão que paga mal, que você não tem estabilidade financeira, você não tem estabilidade nem na sua rotina. Então como normalmente recai sobre a gente fazer funções que fazem o resto da vida funcionar, vida pessoal, enfim é bastante duro ser mulher no jornalismo.

Natália: E todas as mulheres que eu tive o contato com jornalistas mais velhas que tinham filhos e eu vi o quanto elas sofriam, sabe para dar conta de tudo. E, sempre que tem alguma mãe no time onde eu tô trabalhando, eu fico muito feliz, porque elas são as mais produtivas, nunca vi uma pessoa ser tão produtiva quanto uma mãe. Elas sabem exatamente o tempo que elas têm, sabe então. Enfim, tive boas experiências trabalhando com mulheres, mas eu acho que não é uma profissão que pela a natureza do jornalismo, não é acolhedora para mulheres por causa disso paga mal não tem estabilidade.

Natália: A gente fica muito exposto fisicamente, né? E a nossa identidade fica ao menos posta. Então como o Brasil é um país muito machista, todas essas coisas jogam contra a gente e pessoas confundem muito que que a cultura do jornalista como que a figura da pessoa né?

Natália: Eu trabalho com áudio vocês escutam a minha voz, muitas vezes. As pessoas acham que são minhas amigas e que me conhecem, né e conhecem a Natália Silva profissional que é uma outra coisa tem a Natália Silva pessoa e a jornalista e eu acho que é mais difícil para mulher, né lidar com isso porque normalmente as pessoas avançam mais ainda quando são mulheres. Eu já recebi várias mensagens no Instagram de pessoas falando sua voz é sexy, sua voz é muito bonita e eu fico é sabe eu não sei responder e eu fico me perguntando se se homens fazem alguma coisa sabe em ponto de chegar a uma mulher no inbox que você fala isso, tipo, eu acho que não.

Natália: Eu acho que não.

Ana: Qual a sua percepção sobre o relacionamento entre mulheres no jornalismo de maneira geral, tu acha que tem uma cooperação uma, concorrência competição entre as mulheres?

Natália: A minha percepção, a da minha experiência é que existe uma cooperação muito

grande, mas eu vim de uma outra, eu sou de uma outra geração, né? Eu acho que mulheres mais velhas têm uma experiência diferente de muita competição, porque muitas vezes entraram em redações onde elas eram as únicas mulheres.

Natália: Então tinha um certo territorialismo, né? Mas eu já tive experiências ruins como mulheres também, com chefes mulheres, mas e com colegas de trabalho assim mais recentes, principalmente nesse meio onde eu trabalho do jornalismo em áudio a minha experiência sempre foi boa assim sabe e de muita cooperação de muito ajuda e eu a maioria dos projetos que eu fiz, eu tava trabalhando diretamente com mulheres. Na Folha minha chefe era uma mulher, na Novelo minhas chefes são essa mulheres e foram as minhas melhores experiências, é sempre que eu tive chefe dos homens e eu tive experiências muito mais.

Natália: Difíceis e sempre que eu tenho que lidar com um homem tem algum elemento de poder que que vira um problema em algum momento, sabe.

Ana: Agora indo para o podcast, você acha que existe uma união de mulheres no meio da comunidade podcast?

Natália: Não sei, é tão pequeno a comunidade de Podcast brasileira que eu acho que tem uma união meio esforçada, sabe somos muito poucos. Precisamos nos dar bem.

Natália: Eu acho que talvez um pouco assim. Ainda está construindo, eu acho que as mulheres que estão chegando agora reverenciam um pouco as que estavam antes sabe? Eu acho que tem um certo tipo de uma camaradagem assim, tipo tá entrando no barco bem vinda. Esse é um jogo sabe eu acho que tem um pouco sim, mas talvez isso vai se dissolvendo um pouco conforme a podosfera for crescendo.

Ana: No seu atual local de trabalho como percentual de mulheres e homens? É uma diferença muito drástica assim?

Natália: A Novelo é muito feminina, tem três homens trabalhando na novelo, só. Agora a gente deve estar com 15 pessoas.

Ana: É Quais as funções desempenhadas pelas mulheres no seu trabalho?

Natália: De tudo, a fundadora é uma mulher as diretoras são mulheres, têm coordenadoras mulheres, têm produtoras mulheres tipos estão em todos os níveis de hierárquicos.

Ana: E você acha que tem algum obstáculo ou preconceito em relação às mulheres de Podcast podcasters e quais?

Natália: Eu acho que sim, porque você vai ver esses grandes podcasts brasileiros, né, muitos deles tem homens como âncoras e eu acho que isso reflete um pouco preconceito da audiência também de não estar acostumado a ouvir voz de mulher e não querer ouvir voz de mulher e eu acho que se reflete até, sei lá nas vozes femininas que são aceitas dentro da do podcast e que narram enfim eu por exemplo, eu tenho voz grossa e eu acho que isso me favorece, porque eu acho que se eu tivesse uma voz super aguda seria muito mais difícil para mim você aceita pela audiência sabe?

Natália: A audiência da *Novelo* é bastante menina também isso ajuda, o rádio *Novelo Apresenta* é um pouco mais balanceado, mas a *Novelo* começou com *Praia dos Ossos* e a audiência do *Praia dos Ossos* era bem ruim.

Natália: Era um podcast sobre homicídio, é um true crime também as mulheres são um público maior de tudo crime é, mas eu acho que tem assim essa coisa da voz muito fina, é, e aí tem essa ideia de um podcast feito por mulher, ele é escutado por mulheres, isso. É uma coisa também que a gente vê na *Novelo*, então é uma mulher que tá narrando.

Natália: Então deve ser um podcast para mulher sabe, e a gente tenta trazer vozes de homens pro Rádio *Novelo Apresenta* pra chegar a uma audiência masculina, porque eles só se escutam se tiver o homem, então sim. Tem um preconceito, dá para a gente ver por isso, como audiência reagi né? A uma locutora mulher.

Ana: E qual é a sua opinião sobre os espaços ocupados pelas mulheres na *podosfera* brasileira?

Natália: Eu acho que a profissão brasileira tá crescendo agora e isso favoreceu a entrada de

mulheres em cargos de mais destaque né? Do que outras áreas do jornalismo. Eu fiquei com muito medo quando começaram a fazer as grandes plataformas entraram no Brasil para financiar podcasts disso ser destruído.

Natália: Acho que foi um pouco sim, mas eu acho que a gente tem conseguido ocupar lugares. Que talvez outras áreas do jornalismo que não deixassem a gente ocupar. Eu conheço muitas mulheres editoras de som, que trabalham com edição de som, com coisas técnicas que normalmente são associadas a homens, conheço muitas mulheres que fazem isso. E que compõem trilha, que são roteiristas e muitas roteiristas mulheres. E, é isso que eu tô falando, eu acho que tipo as mulheres no Brasil, isso é muito verdade, a gente tem acesso a mais educação. A gente tem é a gente fica mais tempo estudando então nesses profissões que demandam uma atualização constante.

Natália: E, a gente tende a se destacar, né? Mas a gente não consegue chegar nesses cargos de poder e eu acho que isso, enfim ainda se reflete dentro de uma podosfera, mas eu acho que principalmente dentro, se você for parar para olhar como como os podcast são encarados em grandes veículos isso talvez fique mais nítido a mesma coisa que quero destacar é desses grandes veículos quando a Globo entrou a Globo decidiu fazer podcast quando eles lançaram O Assunto era, 2019 eu acho.

Natália: É acho que era 2020 eles lançaram e eu lembro do Bonner falando do o que que era um podcast no no Jornal Nacional e como isso revolucionário e como as pessoas começaram a entender a palavra o que que era e como funcionava e eu lembro que quando eu vi que é o Globo, esse canhão que ia entrar tinha entrado com podcast que era Renata Lo Prete a locutora principal e era foto dela, a capa. Tá tipo isso é diferente sabe, não seria isso que teria acontecido na TV há um tempo atrás seria um homem e eles entenderam que a lógica era outra que a conexão era outra e tinha a Renata.

Natália: Seria uma boa locutora, uma boa apresentadora, porque ela é uma entrevistadora, é a melhor entrevistadora que o Brasil tem é e ela ficou muito tempo no ar. E aí quando eles trocaram eles trocaram pela Natuza, você tem muitas mulheres no ar em programa de política da Globo News, né? Então?

Natália: Então assim eu acho que tem espaço, a mídia brasileira é muito pequena se você compara o conjunto dos países do mesmo tamanho que a gente. Então os espaços são pequenos para um país tão grande e falta muita diversidade. Mas é isso se tivesse mais lugares, talvez fosse mais diversas também, mas eu acho que essa coisa do áudio na Globo que é esse coisa tão grande de ter começado com uma locutora mulher, eu acho que é bem simbólico e eu não acho que a Globo toma decisões meramente políticas, tipo a gente vai fazer isso porque a gente quer passar uma mensagem eles são bem espertos, eles estão pensando dinheiro.

Natália: Eles estão pensando anunciante, eles estão pensando em audiência e então acho que é isso tipo reflete uma coisa interna, reflete coisa externa. O público de podcast é diferente. Tem muita muita mulher na rádio também. Enfim, eu acho que tem caminho sabe?

Natália: Mas é isso a gente precisa tomar cuidado para não repetir essa lógica que tinha em outras partes de jornalismo dentro dessa desse meio que tá crescendo agora e eu acho que tá acontecendo em algum grau.

APÊNDICE B

ROTEIRO 2: JÉSSICA ALMEIDA - INDICOU HELOIZA BARBOSA

Ana: Vou começar com o básico que eu preciso, qual é o seu nome e sua idade?

Jéssica: Meu nome é Jéssica Almeida. Minha idade é 36.

Ana: A sua formação, a sua universidade, o ano e o curso?

Jéssica: Eu fiz comunicação social na UFMG. Formei em 2012 e em 2020 eu voltei para fazer mestrado no departamento de pós-graduação em comunicação também defendia dissertação em 2022.

Ana: E seu estado civil?

Jéssica: Solteira.

Ana: Você namora ou é solteira?

Jéssica: Solteira.

Ana: Ah tá

Ana: Tem filhos?

Jéssica: Não.

Ana: Você teve outras experiências profissionais do campo da comunicação antes pode me resumir?

Jéssica: Trabalhei 9 anos num Jornal local aqui em Minas, chama jornal O Tempo. Eu fui repórter na verdade assim o nome da empresa é sempre Editora, eu trabalhava no jornal semanal que tinha que chamava Pampulha aí em 2019, esse jornal foi descontinuado e eu passei a produzir podcast dentro da cerca Editora até sair de lá em 2022. E agora eu trabalho por conta própria produzindo podcast.

Ana: Três blocos para de perguntas para fazer, agora é mais trabalho a vida pessoal.

Ana: A primeira pergunta é descreva sua função e atividades que desempenha hoje no podcast que atua?

Jéssica: Eu trabalho em parceria com um amigo, meu que é o Vinícius e a gente basicamente faz tudo assim no nosso podcast autoral, né que é o Pelo Averso. É, a gente faz tudo de cabo a rabo, é desde a pré-produção da proposição de temas para as temporadas depois para gente estruturar.

Jéssica: E, o que que a gente vai discutir nessas temporadas, fazer a pauta de cada episódio, depois fazer apuração, as entrevistas depois escrever roteiro. E aí a parte de edição fica mais comigo que o Vinícius, que eu eu domino mais do que ele e depois a promoção nas redes sociais todos somos nós dois que fazemos.

Ana: Você tem alguém tanto na vida profissional, quanto pessoal? Que que te auxilia e de forma?

Jéssica: O Vinícius assim ele é meu meu parceiro. É a gente divide tudo, mas em geral eu converso muito com meus amigos. Eu tenho amigos que são da área da comunicação também. Então a gente troca muita ideia nesse sentido e também assim com outros produtores de Podcast que eu acabei conhecendo como a Bia Guimarães do 37 graus que aliás agora ela é da rádio novo, né? Mas ele era de 37 graus basicamente isso.

Ana: Agora indo para uma parte de mulheres no jornalismo.

Ana: Já sofreu algum assédio ou opressão por ser mulher em algum lugar que trabalhou?

Jéssica: Aqueles mais sutis assim, né? Nada, muito ostensivo, ninguém foi muito explicitamente inadequado, mas assim já tive tanto chefe. Senti que o chefe às vezes ele era mais é rígido e mais e desagradável nas palavras e que ele usava com as mulheres do que com os homens e é abordagens não solicitados assim?

Jéssica: Flerte, que eu não tava abrindo espaço para isso e aconteceu. Acho que normal né da experiência feminina, infelizmente.

Ana: Infelizmente, sim. E você acha que o jornalismo é um meio que acolhe o reprime mulheres? e como?

Jéssica: Eu não, eu não acho nem que assim comparando com outros campos, por exemplo, eu lembro eu estudei a escola técnica no CEFET aqui, né? Então tinha os cursos de um menino e curso de menino e eu lembro que os cursos de menina eram muito hostis, as meninas assim. É até não diretamente por conta do que os meninos fazia, porque às vezes eles tentavam proteger elas, mas está naquele ambiente cheio de homem era uma coisa esquisita, eu fiz curso de menino.

Jéssica: Então eu não vivi isso. Eu só observei é, mas igual por exemplo, eu tenho um amigo que a que a irmã dele é caminhoneiro, eu acho que ser caminhoneiro é uma profissão você enfrenta muito mais desafios nesse sentido do que ser jornalista. Assim eu na verdade eu nunca.

Jéssica: É que nem eu te falei pessoalmente por ser mulher, eu não não vivi nada além do normal, né que a gente vive e eu trabalhava também nessa redação que era muito feminina. Até tinha muitas chefs mulheres, é.

Jéssica: Então eu acho que também por isso assim eu tava no no ambiente que as mulheres de alguma forma se apoiavam, né? Umas às outras. Então eu acho que se eu fosse classificar, eu acho o jornalismo pelo menos baseado nas experiências que

eu tive o jornalismo um ambiente neutro. Em termos de como que é que a gente do tipo de assédio ou dificuldade que as mulheres enfrenta.

Ana: Qual a sua percepção sobre o relacionamento entre mulheres no jornalismo de maneira geral? Tu acha que é uma uma cooperação, uma concorrência, uma competição entre elas?

Jéssica: Eu é assim do que eu acompanho. Eu sinto que tem mais cooperação, né? Além da minha própria experiência eu acompanho, eu gosto de acompanhar jornalistas mulheres assim gosto muito da Renata Loprete, da Natuza. É eu vejo que entre elas assim tinha aquele podcast, papo de política que era um programa também.

Jéssica: Dá para perceber ali a amizade entre a Natuza com a Andréia Sadi com a Maju, então assim no próprio Twitter nas interações até meio bobo assim, fica um amigo ?? sem fim, né? Da Sadi com a Vera Magalhães assim então eu sinto que tem mais um senso de coleguismo, né de uma apoiar a outra do que a competição assim.

Ana: Indo para o Podcast agora, tu acha que existe uma união no meio das mulheres no meio do podcast?

Jéssica: É porque esse meio é muito incipiente né? Que no Brasil de modo geral.

Jéssica: Eu acho que do pouco, do pouco que há eu sinto que há mais cooperação, para mim a minha principal produtora do Brasil é a rádio novela que é uma produtora majoritariamente feminina. Eu até me refiro a elas da Rádio Novelo do que a eles, porque tem mais mulher eu sinto um olhar bem feminino nas produções de um modo geral e por exemplo a editora de Podcast da Folha é a Magê que é uma mulher, então assim eu percebo que mesmo sendo um campo restrito as mulheres conseguem ter uma certa paridade assim. Principalmente as mulheres jornalistas, né? Porque é o tipo de podcast que eu acompanho mais.

Ana: E no seu atual local de trabalho, qual o percentual de mulheres e homens?

Jéssica: Considerando que somos só eu e o Vinícius é 50 50 é?

Ana: Quais as funções desempenhadas pelas mulheres no seu lugar de trabalho no caso, você.

Jéssica: Como eu te falei. A gente, eu faço de tudo, né? Eu faço relacionamento com cliente, além das etapas de produção do podcast, enfim desenvolver projeto, também para apresentar para possíveis financiadores que mais. Só que no meu caso é tudo dividido, né? Como a gente divide tudo. Aí quando a gente tem que contratar serviços de terceiros, a gente tem que observar isso também, então a gente contratou um músico e uma design de mulher assim até até questão de diversidade é racial também. A gente tem essa ir atrás de pessoas pretas.

Jéssica: É pessoas LGBT também então, a gente contratou uma agência também que é de um cara com uma menina, um cara gay com uma menina, então quando a gente precisa contratar apoio a gente tenta observar isso por contratar, mulheres, pessoas pretas e a lgbs e pessoas com deficiência. Enfim.

Ana: Você acha que existe algum preconceito ou obstáculo em relação às mulheres no podcast? E se sim? Quais?

Jéssica: Eu acho que em como em outras áreas, eu acho que a gente talvez pode ser menos levada a sério, às vezes sabe. Não sei, porque não sei hoje como tá, mas as pesquisas que eu acompanhei até alguns anos mostrava uma audiência no Brasil de podcast muito masculinas e se refletia um pouco na em quais programas que estavam na nas paradas e eram geralmente programas masculinos, é mas eu não tenho acompanhado pesquisas recentes.

Jéssica: Mas eu sinto que isso mudou, tem mudado gradativamente. Tenho percebido cada vez mais mulheres escutando. E como consequência programas mais identificados com mulheres é ganhando mais, e alcance.

Ana: Qual a sua opinião sobre os espaços ocupados pelas mulheres na podosfera brasileira?

Jéssica: Eu não quero fazer parecer que é um mar de rosas, mas assim tem essa coisa legal de uma das principais produtoras ser uma produtora majoritariamente feminina, de um grande jornal ter uma editora mulher. É eu sinto que a área do podcast, talvez seja até um pouco mais aberta às mulheres do que outras áreas do jornalismo, não sei se essas pessoas leem podcast com mais feminino igual sei lá, você pode ler cobertura esportiva com mais masculina. Mas eu sinto que existe oportunidades, sabe.

APÊNDICE C**ROTEIRO 3 - HELOIZA BARBOSA - INDICOU BRANCA VIANNA**

Ana: Então vamos começar. Vou ter que fazer perguntas básicas.

Ana: O seu nome e sua idade?

Heloiza: Então meu nome é Heloiza Barbosa, eu tenho 57 anos.

Ana: Sua formação, o curso, universidade e o ano?

Heloiza: Universidade, ano, formação... Como assim, porque eu já fiz tanta formação, eu fiz hã, deixa eu ver graduação eu fiz em pedagogia pela Universidade Federal do Pará e como eu sou né, velhinha? Sei lá, quanto foi o ano que eu formei, eu acho que foi 90. Eu acho, depois eu fiz mestrado em educação doutorado em desenvolvimento cognitivo e depois fiz um monte de docs.

Ana: O teu estado civil?

Heloiza: casada.

Ana: Você tem filhos? Quantos?

Heloiza: Um.

Ana: Você teve alguma experiência profissional no campo da comunicação?

Heloiza: O que seria o campo da comunicação?

Ana: Podcast, rádio... amplamente.

Ana: Eu quero saber uma coisinha básica, tu não é formada em jornalismo?

Heloiza: Não sou.

Ana: Então vou falar na parte jornalismo, perfeito. Então eu agora vou entrar no bloco que é trabalho e vida pessoal.

Ana: Descreve a atividade que desempenha, hoje no podcast que atua?

Heloiza: A minha função no podcast?

Ana: Isso.

Heloiza: O podcast que eu produzo? Hã, porque eu faço outros trabalhos de podcast aqui para a cidade de Boston. Mas falando do Faxina, o que eu faço é basicamente tudo. A, eu entrevisto, eu escrevo roteiro, porque tudo tudo para mim, tem que ser escrito, né? Então o roteiro é todo escrito depois das entrevistas. E então escrevo roteiro, eu edito, eu volto o áudio. Eu ponho tudo junto, a única coisa que eu não faço é design de sono, a única coisa que eu não faço é eu não componho as músicas quando a gente usa música inédita original e eu não faço a mix final.

Ana: Você tem alguém, tanto na vida profissional como o pessoal que te auxilia e de que forma?

Heloiza: Há, eu acho que todo mundo assim, não é não existe essa coisa de você trabalhar sozinho, lógico que a que o trabalho pesado se você principalmente com produções independentes, o trabalho pesado, você acaba fazendo e acaba fazendo sozinha.

Heloiza: Mas esse sozinha não é completamente sozinha, porque você precisa de pessoas. Você precisa. Eu quando escrevo um roteiro eu sempre mando para amigos ou colaboradores, é para lerem para me darem feedback, se a história tá fazendo sentido, se não tá. A pessoa, porque como eu não sou jornalista, o trabalho que eu faço no faxina podcast é um trabalho de etnografias de vidas.

Heloiza: De etnografias de vidas, de brasileiras imigrantes que trabalham com faxina. Então eu quero que essas pessoas, a minha intenção é quebrar o que se chama da quarta parede, né? Eu quero que essas pessoas elas é, tenham se empoderem através da sua própria narrativa, se empoderem através de a, editar a sua própria história. Então eu as convido pra editar junto comigo, depois que eu as entrevistas eu faço um *draft* da história esse draft é submetido esse draft. Tô falando draft, mas não é uma um primeiro rascunho de roteiro, esse rascunho eu divido compartilho com elas, elas né? São as primeiras pessoas a dar um feedback, porque a história não é minha né, pra contar as histórias é delas

Heloiza: Então então essas pessoas são minhas primeiras colaboradoras. Depois tem outros colaboradores, pessoas que trabalham com áudio ou trabalho com storytelling, né contando histórias e as pessoas também me auxiliam hã, né? E tem a logicamente tem os os engenheiros

de som, os músicos outros editores, é colaborando então nunca é um projeto absolutamente solitário, né? Pelo menos não no meu caso, eu nem gostaria que fosse.

Ana: Agora indo para um bloco mais um podcast e mulher.

Ana: Tu já sofreu algum assédio ou opressão em algum lugar que trabalhou, em algum podcast?

Heloiza: Não, até porque bom eu criei o projeto do faxina, né que é ser podcast que eu falo das histórias varridas pra debaixo do tapete então, né. Eu sempre trabalhei como produtora independente. Eu sempre trabalhei meio com a equipe. Que eu convidei com as pessoas, né? E como é o projeto super independente aqui a gente meio que faz com grana de editais, né? É então assim não tem muita grana então quem vem é porque gosta do projeto gosta da proposta gosto da ideia e tal.

Heloiza: Então tem isso e outros projetos que eu faço, né? Como freelancer? A áudio de produção. Nunca houve nenhum problema. É muito pelo contrário, eu sinto a comunidade a minha experiência aqui pelo menos aqui, né no círculo que eu que eu vivo aqui nos Estados Unidos a comunidade que trabalha com áudio ou áudio narrativo.

Heloiza: Porque a gente trabalha com podcast narrativo e é uma comunidade muito solidária, né? E muito não binária e muito respeitosa das das identidades, né? Sejam elas com as folhas, né? A então, Eu nunca senti nenhum tipo de agressão ou assédio. Eu sou brasileira e quando eu falo inglês, eu falo inglês com sotaque e eu gosto de ter o sotaque de brasileira falando inglês. Agora logicamente por exemplo não é assédio, mas pelo fato de eu ser imigrante, né? Pelo fato de eu falar inglês é difícil, por exemplo eu trabalhar, ninguém vai me chamar para falar assim, vai ser o apresentador desse podcast em inglês, não isso não vai rolar, né?

Heloiza: Mas eu faço o trabalho, né de produzir e tal e tá na produção de Podcast, né? Eu acho que tem uma dificuldade mais na questão de ser imigrante do que de ser mulher dentro da comunidade aqui, né?

Ana: Tu acha que o podcast é um meio que acolhe reprime as mulheres e como?

Heloiza: Ó de novo, eu acho, eu acho que quando a gente fala de Podcast a gente precisa meio que qualificar o que a gente está falando, porque existe tanto, tanto podcast agora, né? Existe né? Eu ainda continuo achando que podcast é uma coisa que você escuta, né? Você não, vê

então quantas pessoas começaram a me perguntar. A o teu podcast, tá no tá no YouTube. Falei, não, não tá no YouTube, porque né podcast é uma coisa que você escuta e como eu acredito histórias, eu trabalho que eu faço é de podcast narrativo de história para mim. Tem um eu tenho um compromisso muito com o poder que a história tem de te levar para lugares e experiências que você nunca foi

Heloiza: E eu acho que a gente está no momento em que a gente não escuta muita coisa. Se der dá para ver e agora a gente tem duas coisas a gente vê e nem escuta mais, porque a gente lê a legenda, né? Então eu ainda insisto na escuta, porque eu acho que a gente perdeu isso de se escutar de se escutar a história do outro, de se escutar os causos, de se escutar basicamente.

Heloiza: Então para mim podcast, quando eu falo de podcast é esse podcast, podcast narrativo de Storytelling que tem uma preocupação com a escuta. Porque tem uma preocupação de fazer o áudio da melhor qualidade possível, justamente para que a pessoa ouvinte ela viaja, vai numa viagem de escuta com quem tá ali contando a história.

Heloiza: Então nesse podcast eu nunca senti que há uma discriminação ou um problema com o com a questão de gênero de mulher de homem. Né de pessoas, trans pessoas, não trans pessoas binárias, pessoas cis, eu nunca a, eu acho. Eu nunca experimentei isso. Eu não nunca vivenciei isso. Eu nunca é foi ah, ah, ah eu tô com a palavra em inglês, como é que fala? Ah a pessoa que fica na que observa, eu estou com a palavra. Mas a bom, eu nunca observei é nada disso agora existem por exemplo pode a indústria do podcast existe o podcast que vai para o YouTube que né que as pessoas gravando ele ChatCast que as pessoas conversando.

Heloiza: Existe as celebridades, né na e aí existe os podcast das grandes, né produtoras como *Wondered*, como né, Spotify Brasil, né? A i hart e as grandes produtoras e aí eu não sei, porque eu não navego muito nessas áreas, né das grandes produtoras de conteúdo de áudio.

Ana: É tu acha que existe uma união de mulheres no meio da comunidade do podcast?

Heloiza: Eu acho que sim pela minha experiência. Todas as vezes que eu preciso de algo, por exemplo se eu tô aqui no Brasil, ou se eu tô aqui em Boston. Eu preciso de uma pessoa para entrevistar alguém no Brasil e peço ajuda para a, sempre tem gente para né, para ajudar aqui também nos Estados Unidos, se eu peço ajuda para alguém.

Heloiza: A eu recebo essa ajuda de outras podcasts, de outras produtoras de áudio. A, por exemplo no Faxina a gente já fez vários episódios contando histórias de imigrantes que vivem

hoje no Brasil e eu não tava aí para entrevistar as pessoas então eu contactei né, pessoas da da área de áudio e rapidamente a gente conseguiu né, montar e se ajudar e o projeto aconteceu. Então eu acho que existe sim uma colaboração.

Ana: No seu atual local de trabalho, qual o percentual de mulheres e homens?

Heloiza: Bom, meu local de trabalho é isso aqui sou eu como produtor independente, né? A, sei lá, eu já trabalhei já tive muitas colaboradoras mulheres e muitos homens. Muitos trabalhadores não binárias, né.

Ana: Qual a sua opinião sobre os espaços ocupados pelas mulheres na podosfera brasileira?

Heloiza: Há, eu acho isso legal, essa pergunta é legal. Eu acho que é engraçado, mas eu acho que o podcast, né quando começou no Brasil, foram as mulheres que começaram. Os primeiros podcast que realmente alcançaram o público foi os Mamilos, né feito por duas mulheres, depois veio o podcast de ciência maravilhoso 37 graus, feito por duas mulheres jornalistas.

Heloiza: Depois veio o primeiro podcast da Branca Vianna que era Maria vai com as outras, né? Foram as mulheres, para mim que realmente começaram a fazer um trabalho inovativo do podcast, os Mamilos eram um podcast mais jornalístico. E aí depois né? O 37 graus, a Maria vai com as outras, né. E aí começou a explosão do podcast narrativo, feito por mulheres, então eu acho isso assim divino e depois teve né? O Habitat é feito por duas mulheres também, né? A depois teve, a primeira que era um que acho que já não tá mais, eu esqueci.

Heloiza: Bom, eu acho que as mulheres foram meio que fundamentais no podcast brasileiro de trazer esse podcast mais narrativo, e ainda hoje, né. Por exemplo mesmo pegando a o podcast produzido com produção grandes pelas grandes casas né de produção e feito com celebridades como a Fernanda Torres fala Playlist da sua vida, podcasts lindos, né feitos por mulheres e tal o Copan que é o podcast uma série linda que é sobre o prédio Copan que é lindamente narrado pela Mika Lins, né,

Heloiza: Então eu acho que tem a que o podcast narrativo que é essa é a minha área, ele deve muito a atuação das mulheres e aí depois veio os homens, né? Aí veio o Tiago Rogero primeiro com Vidas Negras e depois com o projeto Quirino, aí o Tiago André com História Preta, né, e o Rodrigo Alves, né. Que fazem trabalho muito legal, falando justamente documentando que eu falo que que também é uma etnografia do jornalismo brasileiro, né.

APÊNDICE D**ROTEIRO - BRANCA VIANNA - INDICOU MARIANA BONAFÉ**

Ana: Então vou começar pelo básico. O seu nome e sua idade?

Branca: Branca Vianna, 62 anos. Vianna com dois N.

Ana: A sua formação, universidade e ano?

Branca: Eu sou formada em letras com especialização em tradução simultânea PUC Rio, eu não me lembro o ano 87, 86. Não me lembro, por aí. Anos 80.

Branca: Eu tenho mestrado em linguística University College London. E eu tenho mestrado em formação de intérpretes, em treinamento de intérpretes pela Universidade de Genebra.

Ana: Seu estado civil?

Branca: Casada.

Ana: Tem filhos?

Branca: Tenho dois filhos.

Ana: Teve alguma experiência no campo da comunicação? Com podcast mesmo?

Branca: Até fazer podcast, não. Eu trabalhei como intérprete simultâneo de conferência a minha vida toda, desde os joventinho até 2018, última tradução simultânea que eu fiz foi na flip em 2018.

Ana: Agora vou entrar no bloco trabalho vezes vida pessoal. É descreve a sua função e atividade que desempenha hoje no podcast que atua?

Branca: Hoje em dia eu sou presidente e uma das fundadoras da produtora de podcasts rádio novela. Eu apresento o nosso podcast. Eu apresento o nosso podcast semanal que chama rádio novela apresenta é e eu apresentei é na nos podcasts que a novela já produziu o Praia dos Ossos e o Crime Castigo e apresentei antes disso antes da novela existir eu apresentei um podcast sobre mulher em mercado de trabalho na revista Piauí chamado Maria Vai Com As Outras, eu fiz isso por dois anos e pouco mais ou menos. A gente teve dois anos e poucos de temporada.

Ana: Você tem alguém tanto na vida profissional como pessoal que te auxilia e de que forma?

Branca: Seja mais específica. Como assim que me auxilia eu trabalho com 18 outras pessoas na novela.

Ana: Alguém que esteja contigo tanto no trabalho na vida pessoal que tá ali contigo mesmo ou é só você por ti.

Branca: Bom, eu sou casada, né? Como eu te falei, né? Então na vida do pessoal que é meu marido, meus filhos são adultos. Hã, enfim já tem mais de 30 anos, mas eu acho que não entendi tua pergunta. Se você puder explicar melhor, eu vou poder responder melhor.

Ana: Assim, como posso te explicar uma pessoa que esteja do seu lado, no seu trabalho que esteja te apoiando em algum momento difícil, tá passando momento difícil. Tá ali contigo.

Branca: No trabalho eu tenho meu sócios, né? A Paula Scarpin, a Flora Thomson e o Guilherme Alpendre são meus sócios na Novelo. Então, a Novelo tem uma com questões de trabalho. Eu tô falando com questões profissionais, não com questões pessoais, né? Cm questões pessoais enfim, amigos, família. É marido filhos tudo isso, mas com questões profissionais eu eu não sou eu, eu não tô sozinha na novela, né? Eu tenho três sócios que são o Guilherme Alpendre.

Branca: Flora Thomson a Paula Scarpin e mais todas as outras pessoas que trabalham na novela, tem uma organização bastante eu não diria que é horizontal, porque a gente tem equipes

e tem chefes das várias equipes, né? É mas é uma empresa em que a gente tenta, a gente tenta não. A gente de fato consegue, tem uma cultura muito de todo mundo ouvir todo mundo sabe.

Branca: A voz de todo mundo é ouvido, não tem uma, a minha voz não vale mais do que a de outra pessoa não. É se eu hã, não gosto de uma história e as outras pessoas todas gostam a história não vai ser derrubada, ela vai entrar só, porque eu sou uma das fundadoras, né? Isso não quer dizer nada. A gente tem debate sobre as várias coisas que a gente faz que é que dá para fazer, o que que não dá. Mas eu sou muito menos mão na massa na novela do que a Paulinha e a Flora e o Gui, é que são quem tá lá dirigindo realmente a empresa no dia a dia.

Ana: Tu já sofreu algum assédio ou opressão por ser mulher no meio do podcast?

Branca: Não, no meio do podcast não e eu vou te dizer o porque, é uma coisa que eu sofri muito a minha vida toda na minha carreira de intérprete. É uma é uma profissão, principalmente feminina de chefes femininos, mas a gente trabalha muito com homem. Os clientes são homens, porque a gente trabalha com eventos, né? Eventos profissionais. Então são congressos de finanças, de medicina, de petróleo, de sei lá de seguro, de seja lá o que for, de direito e em geral são homens então a gente lida com clientes homens, né? Então isso é uma coisa que eu senti assim a vida toda dificuldade, né de que a gente como mulher tem de lidar com a com homens, mas no podcast como eu entrei na área de podcast numa posição de criar minha própria empresa.

Branca: Primeiro, eu criei meu próprio podcast a Piauí que é uma empresa que é dirigido por homens, era e é dirigido por homens, mas como é o podcast sobre mulher no mercado de trabalho, não tinha nenhum envolvimento da redação, da nem da direção da Piauí no Maria Vai Com As Outras entendeu? Eu e a Paula Scarpin, a gente fazia a Maria Vai Com As Outras e a Mário Faria, a gente fazia o Maria Vai Com As Outras do jeito que a gente quis, queria com as entrevistadas que a gente queria o tempo que a gente queria não havia assim, qualquer qualquer intervenção editorial da parte da revista sabia? Eles confiavam na gente pra fazer o produto.

Branca: Achava que a gente entendia do assunto, que era um produto bom pra Piauí, é então não havia qualquer interferência. Então, não tive nenhum problema, e aí eu já tinha entendeu? Já não era criança quando eu comecei a Maria vai com as outras eu já tinha 58 anos. Então já

não era criança. A medida que voce vai ficando mais velha é, esse tipo de coisa, vai de um modo geral fica mais fácil, porque você já tá firme na profissão, entendeu? Então é mais difícil as pessoas te darem rasteira. Acho que quando você é jovem, quando você é mulher jovem, você é mais vulnerável tanto a assédio moral e sexual, quanto assédio profissional e dificuldades profissionais e vai ter sempre alguém tentando dar rasteira, muitas vezes uma mulher, mas muitas vezes também homem.

Branca: Então, mas quanto mais velho você fica, mais fácil fica. Então quando eu criei a Novelo, eu tava querendo uma empresa que é minha com sócios que queriam fazer a mesma empresa que eu a gente se escolheu um ou outro, uma outra na verdade. A gente já trabalhava juntos, eu já conhecia a Flora há muitos e muitos anos e a Paulinha também é muito muitos anos é, e o Gui veio se juntar a nós então a gente já criou a empresa de uma posição de poder entendeu? A empresa era nossa, a gente criou a Novelo justamente para a gente poder fazer o que a gente queria, a gente via que era uma coisa que a gente gostava muito de ouvir.

Branca: Fora do Brasil esse tipo de podcast mais narrativo, mais trabalhado, mais profundo é e a gente via que não tinha isso muito aqui no Brasil que tinha muito lá fora, sabe, mas só em inglês basicamente, especialmente em inglês. É, então a gente queria poder ouvir como ouvinte de podcasts a gente queria sabe ter esse tipo de programa, séries narrativas e um semanal narrativo.

Branca: Então quando eu criei a Novelo junto com a Clara o Gui e a Paulinha. É, a gente já criou de uma posição confortável, sabe? E aí o fato de ser uma empresa majoritariamente feminina, acaba sendo uma vantagem num mundo que agora tá começando a olhar para questões de gênero, né? Questões de gênero e questões de raça, isso é uma coisa que a gente leva muito a sério na novelo. Nós temos 19 pessoas que trabalham na novelo, agora são 19. É agora a gente acabou de contratar duas pessoas.

Branca: Já contando com a com a nossa primeira estagiária que a gente teve, nunca teve uma estagiária antes então, ela é a 19ª pessoa e ela mulher também então de 19 pessoas são dois homens só a situação 17 mulheres de dois homens, a gente contrata é mulheres. A gente quer contratar mulheres, então a gente brinca que eles são os nossos tokens, tem que ter né?

Branca: Então mas isso acaba que chama que atrai o interesse das pessoas como você, sabe as pessoas acham isso legal, acham interessante. Então acaba que a gente o nosso público também, isso é o nosso público é mais majoritariamente feminina um público, audiência da Novelo. Sabe o que a gente consegue levantar de audiência que não é perfeito, é muito difícil você conseguir tipo de dado em podcast, você está em várias plataformas e as plataformas não, a não necessariamente compartilham, né dados demográficos.

Branca: É, então é um pouco difícil, mas o que a gente consegue averiguar o nosso público é majoritariamente feminino, talvez por ser uma empresa que ficou conhecido, uma produtora que ficou conhecida como o podcast Praia dos Ossos que é um podcast como uma história de uma mulher, claramente feminista, contado por mulheres, na voz de mulheres. Então, talvez seja por isso sabe. aí acabou que continuou sendo o público majoritariamente feminino.

Branca: Mas enfim a gente tem podcast que não são também, né? Tem o que o que o projeto Querino, por exemplo é um podcast feito por um homem, produzido por nós. O República das Milícias, a gente produziu para a Globo também é um podcast contado por um homem que é o Bruno Paes Manso, né? Então enfim e o Querino que é o Tiago Rogero, é até podcast de futebol a gente já fez, a gente fez pro Piauí um podcast é sobre corrupção no futebol que ficou bem bacana. Também era contado por homens, mas enfim é uma empresa, mas ele tá na mente feminina de modo que é.

Branca: Nesse caso específico não atrapalha, eu não sou um bom exemplo. Eu não sou a regra. Eu sei, que eu não sou a regra eu realmente entrei já mais velha e numa posição de poder. Então é mais difícil eu sofrer qualquer tipo de discriminação nesse sentido entendeu? Para me derrubar. Tem que ser tem que ser muito forte do que eu né? E é difícil, porque eu sou dona da minha própria empresa, eu tenho 62 anos. Eu tenho liberdade absoluta de fazer o que eu quiser, eu sou branco, eu sou privilegiada. Então é assim, eu não sou exemplo para isso.

Ana: E vindo nesse gancho, tu acha que o podcast é um meio que acolhe ou reprime mulheres?

Branca: Eu não sei, te dizer tanto os podcasts no Brasil, quando a gente olha o quadro de podcasts o ranking de Podcast do Spotify, por exemplo, vou olhar aqui para ver o que que até

você parece a mesma coisa para mim e para você, né? Porque às vezes plataformas tem essas coisas meio estranha, mas é um dos rankings que você é uma referência.

Deixa eu ver aqui que eu quero olhar eu quero olhar o ranking, cadê?

Branca: As vezes não acho essa porcaria. Parada de Podcast, aqui top para podcast. Vamos ver. A gente vê que no ranking americano, você tem um homem nos primeiro nas primeiras posições aqui, o John Horgan, coisa desse tipo. Aqui você tem pelo menos no meu, aqui você tem Café com Deus, pai que é um homem. Não sei se é homem ou mulher, mas esse podcast está sempre em primeiro lugar, eu não sei o que é, porque eu nunca ouvi, mas ele realmente assim.

Branca: Mas ranking de podcast, também não quer dizer que seja podcast mais ouvido, porque tem uma curadoria da plataforma então é uma coisa complicada, mas só para a gente dar uma olhada. Aí tem uma coisa chamada Gostasas Também Choram que eu não sei o que que é, mas é uma mulher que apresenta. O terceiro lugar está a Deia Freitas que sempre ali nos primeiros três, que também é uma mulher, PodPah é homem, Café da Manhã de um modo geral são mulheres, né? Porque a Gabi Maia e a Mage. Então são mulheres de vez em quando tem um homem apresentando mas é principalmente mulheres. Má influência, eu tô vendo aqui que é mulher.

Branca: Primeiro cinco. Você tem os primeiros três e tem dois só que são de homens, né? Não é assim em todo lugar. Aí você vai descendo aí não tem uma boa mistura. Bom dia, Obvious da Marcela Ceribelli, também tá sempre lá nos 15 primeiros é os vários podcasts da Tati Bernardi costumam estar no ranking também, então tem sabe Modus Operandi, O Assunto que também é sempre, né? Às vezes é Natuza, às vezes não é? Mas de um modo geral, acho que eu nunca vi nenhum homem apresentando né? Era a Renata Loprete, às vezes é a Júlia do Álibi, né? Às vezes é a Natuza Nery né, mas são sempre mulheres. Então eu não sei te dizer, porque eu tenho a impressão que no Brasil pelo menos os podcasts femininos tem bastante audiência, ele tem bastante destaque é. Aí eu não sei qual é a eu imagino que aqui seja parecido com o resto do mundo. Em que podcast de religião ou de esporte são os mais ouvidos. True crime também mesmo de verdade, não true crime tipo praia, né. True crime que reinvestigam crime, essas coisas também estão sempre entre os primeiros e esses também costumam ser apresentados por mulheres, né? Esses podcasts do true crime tipo Modus Operandi, esses outros.

Branca: Fora do Brasil também tem muitos. Então eu não sei te dizer, eu não sei te dizer como é que funciona a negociação dessas mulheres todas com o com quem tá financiando, porque isso tudo custa caro então os os podcast são financiados ou pela ou pelas plataformas da Globo Play, é um dos Spotify é um ???. Ou é financiado com anúncio, né? E alguém tem que negociar isso, né? Então eu não sei te dizer, se é mais difícil para as mulheres negociarem isso.

Branca: Do que com as plataformas, por exemplo do que para os homens não sei porque como que estas femininas parecem pelo menos fazer sucesso, talvez não seja tão difícil, né? Porque o que é os financiadores querem é a audiência, né? Anunciante plataforma tanto faz eles querem audiência, então se você tá oferecendo audiência.

Branca: Eu realmente sou caso um, pouco especial um pouco difícil me usar como exemplo.

Ana: E tu acha que existe uma união no meio da comunidade podcast entre mulheres?

Branca: Acho que existe bastante, até bastante. Acho que meio que com raras exceções, todo mundo torce por todo mundo, todo mundo ouve os podcasts de todo mundo, uma comenta podcast da outra nas redes e sabe, de compartilha. É, sabe aplaude o sucesso uma da outra. Eu não vejo muito, eu acho que a gente ainda tá numa fase do podcast no Brasil que ainda tem muito espaço para crescer muito. Tem muita gente, que não houve podcast ainda no Brasil, né bastante gente que não houve podcast ainda. E quanto mais para que a gente tiver mais audiência, a gente vai trazer, porque se você tem só um tipo restrito de podcast no ar você só vai atrair aquele tipo de ouvinte, né? E tem gente que não quer ouvir podcast narrativo tipo os que eu faço, a pessoas quer ouvir outra coisa, quero ouvir um podcast de mesa redonda, de futebol ou de política ou de fofoca. Então tem que ter tem, que ter podcast de ficção de não ficção, de mesa redonda, narrativo, podcast mais sonoro, mais experimental até né? É eu acho que a gente ainda tá numa numa fase do desenvolvimento do podcast. Porque também tem aberto ainda ,ainda tem muita audiência para para cativar então quanto mais gente fazendo melhor, quanto mais formatos diferentes melhor.

Ana: No seu atual local de trabalho, qual o percentual de homens e mulheres já tinha me respondido, né?

Branca: São 19 pessoas e só dois homens, você calcula aí na tua cabeça.

Ana: É qual é as funções desempenhadas pelas mulheres no seu no seu local de trabalho?

Branca: Direção criativa, bom presidência na empresa, direção criativa, direção de pesquisa, produtora Sênior, produtora Júnior e produtora analista financeira e administrativa também é mulher estagiária também a mulher. Deixa eu ver certinho para não falar besteira o cargo de todo mundo porque, às vezes esqueço o nome do cargo, né a coordenação de produto e audiência também é uma mulher, que é a Bia.

Branca: Só de mulheres, né? É, é isso analista desenhista de som, a nossa designer de som também é uma mulher, o resto é produtora, produtora sênior ou produtora estagiária administrativa financeira, a gerente executiva também é mulher, a gerente de produto e audiência também é uma mulher, depois que você quiser confirmar tudo isso vai na página da novela e vai lá no sobre nós ou alguma coisa assim da equipe. E aí você vai achar o nome de todo mundo e o que que a pessoa faz?

Ana: Tu acha que existe um preconceito obstáculo em relação às mulheres no podcast se sim, quais?

Branca: Você tá falando do ponto de vista de capacidade de produção de ponto de vista de audiência.

Ana: Tudo, seria mais produção na verdade.

Branca: Realmente, não sei te dizer aquilo que eu te falei, eu não sei como é que funciona a negociação dessas mulheres todas que tem os seus podcasts. Eu não sei como é que é a negociação com a parte financeira. Então eu não sei te dizer, se é mais difícil para para elas sabe, se é mais difícil para o Bom Dia é Óbvios de conseguir financiamento do que é pro PodPah, ou se não é, eu vou conseguir anunciante sabe? Eu não, eu não sei te dizer não saberia dizer.

Branca: Eu acho que tem isso é puro impressionismo, tá? Não to baseando em número. Que eu saiba, não tem nenhuma pesquisa pelo menos no Brasil, eu nunca vi em lugar nenhum, nenhuma pesquisa sobre isso, mas eu acho que o homem prefere ouvir homem prefere ouvir história contada por homem na voz de homem. A gente tem obviamente tendo 17 pessoas na equipe que são mulheres, a gente só tem um produtor que é homem.

Branca: Então história contada por homem vai ser raro, vai ser quando é a história dele, às vezes quando a gente tem um freela, que às vezes a gente tem e tal. Então eu mintei, eu falei que a gente tem dois homens é, mas é que o Gustavo ele o é nosso designer. É, mas ele é, mas ele é não binário então então continua sendo dois homens. Mas isso é por impressionismo. Tá assim, não sei o quanto vale isso academicamente para você, porque é uma impressão que eu tenho de que o homem prefere ouvir voz de homem. Prefere é, prefere ouvir histórias contadas por homens, podcasts com homens, de mesa redonda com um homem, a gente vê isso um pouco, a gente vê isso um pouco porque, você vê por exemplo o podcast. O projeto Quirino que é um podcast que a gente fez, não sei se ouviu com o Tiago Rogero, o Tiago Rogero que fez é ele conta.

Branca: É ele que narra, é um podcast dele, tem mais audiência masculina do que os outros podcasts, entendeu? Do que sei lá e tudo o praia, você pode dizer. Há é um podcast sobre feminismo, é a história de uma mulher e tal. Não sei o quê lá, pode ser que não interessa tanto aos homens. Apesar de que eu acho que é super interessa e que tem mais é que ouvir, porque é uma história de violência contra mulher e como eu sempre digo, eles é que tem que aprender a sobre violência contra a mulher, né? A gente já sabe já tá cansada de saber tudo que acontece o que acontece com a gente com, a gente com as nossas irmãs, amigas, mães é então, eles é que tem que se interessar, mas na verdade é que o praia tem uma audiência masculina bem pequena, menos da metade da audiência feminina. E o projeto Quirino que é um projeto sobre história e Uma História do Brasil do ponto de vista afrocentrado a diferença é muito menor, entendeu? Você ainda assim sendo um podcast da novela como a nossa audiência.

Branca: É realmente majoritariamente feminina, ainda assim você tem um pouquinho mais de mulher, mas é quase a mesma coisa. E aí você vai para o podcast tipo Crime Castigo, é que não é um podcast sobre feminismo, não é a história de uma mulher nem nada é é um é uma história sobre a Justiça Criminal e como funciona no Brasil. É que enfim a rigor a interessaria todo mundo também tem uma audiência feminina maior e é uma história contada por mulheres, né?

Sou eu e a Paulinha, Flora apresentando o podcast, né? Então por essas medidas sabe assim a república das milícias tem uma audiência um pouco mais masculina o que a gente sabe que a república a gente fez para a Globo e a a os dados são da Globo, né? Mas o que a gente consegue saber a audiência mais masculina. O Fórum de Teresina que a gente produz, não é nosso, mas a gente produz tem mais audiência masculina do que é do que os nossos que são só nossos. Então eu tenho a impressão assim que o homem gosta de ver homem.

Branca: E mulher ouve homem e ouve mulher, e que a gente sabe que mulher lê livro de autor masculino e de autor feminino e que homem lê mais homem e mulher, lê homem e mulher mulher. É mas de modo em geral homem lê homem. É uma vez eu vi uma escritora, não sei quem era, era uma escritora não era uma brasileira. Alguém tipo sabe uma pessoa assim bem, eu não me lembro quem era, mas ela eu vi ela comentando, é homem vive reclamando que não entende mulher, que não entende de cabeça de mulher, que não sabe como mulher funciona, que não sabe o que a mulher tá pensando. Vai lá e lê, lê a mulher lê lê lê a uma autora. Leia escritoras mulheres que vocês, vão passar a entender muito mais. A gente é claro, sabe como funciona o homem, porque a gente tem que aprender, porque até uma questão de sobrevivência. Se você não souber como funciona você não você não dura né? Você não envelhece. Então você tem que aprender como qualquer grupo oprimido, você tem que aprender a regra do opressor para você poder se defender.

Branca: No caso dos homens, eles não precisam. Então, mas geralmente, eu acho que ela tem razão, entendeu? Quem quer entender as mulheres, quer saber como funciona a cabeça dele, né? Ouvir mulheres ou são mulheres leiam mulheres.

Ana: Qual a sua opinião sobre os espaços ocupados pelas mulheres na postura brasileira?

Branca: Eu quero mais eu quero mais, na minha opinião precisa ter mais eu quero mais mulher, mais mulher em posição de poder eu quero mais mulher nas posições de poder aprovar um projeto de poder dar sinal verde, sabe para os projetos mais mulheres nas plataformas, sabe mais agências de publicidade, nas marcas que anunciam em podcast que são quem torna tudo isso viável, porque é caro fazer podcast, é muito difícil você manter uma produtora de Podcast sabe é tipo um leão por dia assim, a gente vai vivendo, né? Tem que conseguir. E aí a gente tem tanto tempo tantos meses de dinheiro pela frente, o que que vai acontecer se esse projeto aqui

não foi aprovado de onde a gente vai deixar o dinheiro para sustentar a empresa e pagar todo mundo é, então eu gostaria de ver mais mulheres em posição de poder do outro lado da mesa, não só apresentando também.

Branca: Mas do outro lado da mesa sabe mais mulheres com mulheres assim que, é questão de gênero é e não é qualquer mulher também, mas mulheres que acham importantes, você ter vozes femininas tratando de assuntos femininos, assuntos femininos que não sejam só falar de saúde é e falar de beleza ou falar de, né? Isso é ótimo e eu e eu ouço, inclusive. Eu sou eu ouço, eu adoro um bom podcast de moda e beleza eu adoro, mas que não sejam só esses assuntos que não seja sÉ saúde, beleza? Que seja essa sabe pelo mesa é redonda de falar de política, só só com mulheres, porque não né? Tem tanta que é só com um homem porque não né ou mulheres falando de qualquer coisa de futebol, do que quiser e que isso seja ouvido não só por mulheres, que seja ouvidos por homens. e também que essas conversas que a gente ouve nos podcasts femininos os os femininos que tratam de é de assuntos que são super importantes, tipo maternidade, saúde esses assuntos assim.

Branca: Que os homens ouçam também, porque é um assunto que interessa a eles né? Afinal de contas, né? Se você está falando sobre maternidade, claro que interessa o homem. Todo mundo tem mãe, nem todo mundo tem filho, mas todo mundo tem mãe então, né? Quer entender como funciona a sua mãe, vai lá ouvirmos podcast sobre o que que é essa mãe, né?

APÊNDICE E

ROTEIRO - MARIANA BONAFÉ

Ana: Vou começar com umas perguntinhas básicas?

Mariana: Tá bom.

Ana: O seu nome e sua idade?

Mariana: Meu nome é Mariana Bonafé e eu tenho 37 anos.

Ana: A sua formação, o curso, universidade e ano?

Mariana: A minha foi bem complexa, mas eu vou responder o prático a minha formação é marketing é eu fiz no Senac em 2020 eu formei.

Ana: O seu estado civil?

Mariana: Solteira.

Ana: É você é solteira namorando ou solteira mesmo?

Mariana: Solteira.

Ana: Você tem filhos?

Mariana: Não.

Ana: Você teve alguma experiência no campo da comunicação antes?

Mariana: Sim, antes do podcast sim. Eu trabalhei 12 anos com publicidade, então tive bastante experiência nessa área que tem a ver com a comunicação de uma forma geral, né? Então foram várias áreas.

Ana: Agora vou entrar no campo de trabalho vezes vida pessoal, é descreva a sua função e atividades que desempenha hoje no podcast que atua hoje?

Mariana: Eu vou falar sobre os dois podcasts, tá? Porque eu tô tanto no modus, quanto no caso bizarro. Do modus, eu tenho esse podcast junto com a Carol Moreira, minha sócia e amiga e nesse podcast a gente desempenha os seguintes papéis.

Mariana: De uma forma geral, são todos os papéis que precisam, mas hoje é mais separadinho assim aí se precisar uma consegue cobrir a outra, mas os meus principais papéis é coordenar a parte de produção de conteúdo. Então os textos que vão nas descrição dos episódios, os textos que vão é na legenda dos posts, os títulos do episódio.

Mariana: É as imagens, tudo isso é quem faz a nossa produtora e eu fico tipo revisando esse tipo de coisa para que saia tudo certinho e então tô mais na parte de gerenciamento de comunidades por assim dizer. Tipo eu sou responsável por, é ficar ali é responsável pelas redes sociais do do Modus Operandi hoje a gente foca mais no Instagram é, mas o Twitter tá lá também e antes da gente que, a gente acabou de encerrar o grupo de apoio, né?

Mariana: O grupo de apoio, não. Como fala, era tipo um apoiasse esse que a gente tinha era uma plataforma de de episódios extras que as pessoas é, pagavam a mais e tal pra ver episódios extras. Então aquela parte eu também ajudava na gestão dela é roteiro também, tipo a gente tem uma equipe de roteiristas hoje em dia, mas a gente revisa todos os roteiros e alguns roteiros são as três é por nós também e deixa eu ver o que mais.

Mariana: É basicamente é isso hoje. É hoje eu faço menos do que eu fazia no início, porque no início tudo era dividido entre eu e a Carol, então todos os aspectos do episódio do podcasts de uma forma geral era dividido com a gente, então hoje a gente consegue com a nossa equipe consegue ter outros outros papéis sendo desempenhados por eles e tal. Pro caso bizarro eu faço tudo né? Porque eu tô sozinha no caso bizarro. Então eu tenho, um roteirista e eu tenho uma produtora, mas eu tô supervisionando tudo ali os conteúdos que vão ser postados nas redes sociais, é do insta do caso bizarro, corte do podcast revisão do podcast revisão do roteiro.

Mariana: A parte de responder as mensagens, né as perguntas nas redes sociais e nos e-mails do caso bizarro e também a relação, porque o caso bizarro ele é um podcast que ele é da Wonder hoje em dia, que a Amazon né? Então ele é vendido para Amazon. Então também tem a minha relação com a Amazon em que às vezes surge algum personagem um convite, alguma coisa, eles me passam a gente vai conversando e vai fazendo acontecer, né podcast então basicamente é isso.

Ana: É você tem alguém tanto na vida profissional como pessoal que te auxilia? de que forma.

Mariana: Isso profissionalmente tem a equipe, né? A equipe do Modus, como eu falei, formado de cinco pessoas e a equipe do Casos Bizarro somos em quatro, porque tem o cara que faz as artes, o cara que editou áudio a produtora e roteirista e então temos esses. E na vida pessoal eu acho, que eu posso salientar o roteirista no Caso Bizarro, porque antes de ser o roteirista no Caso Bizarro, ele também é meu amigo e também é meu ex-namorado e ele é sempre me deu um suporte emocional que eu precisava para os projetos e tal então a gente teve lá por mim nesse sentido.

Ana: É tu, já sofreu algum assédio ou opressão por ser mulher em algum lugar que trabalhou?

Mariana: Como podcast não, mas é em agências, né de trabalho sim, já é. Nunca sofri nenhum assédio sexual é, mas eu sofri alguns assédios no sentido, de não deixar falar né não deixar a ideia e ir para frente, mas esse tipo de coisa assim um pouco no início da carreira não se levada a sério coisas nesse sentido.

Ana: É você acha que o podcast é um meio que acolhe ou reprime mulheres? E como.

Mariana: Como eu cheguei no ambiente, né no podcast eu cheguei basicamente tarde, né? Porque o podcast no Brasil se faz há muito tempo, né? Há mais de décadas, mas eu cheguei nesse mundo em 2019, 2018. Então eu acho, que eu não cheguei a pegar um ambiente opressor para mulher nesse sentido.

Mariana: Acho que também é conta o fato de que o meu podcast é produzido por mulheres é feito por mulheres, né minha sócia tá junto e o outro podcast que eu tenho casos bizarro, ele é majoritariamente é produzido por mulheres, feito de certa forma por pessoas lgbs, é os convidados em sua maioria são uma mulheres e lgbs então que são teoricamente grupos é, como posso dizer assim que eu sempre me senti muito confortável, então nunca tive nenhum problema nesse sentido em resumo.

Mariana: Em resumo, acho que eu não posso contribuir muito para isso? Porque eu acho que quando eu cheguei já tinha muita coisa mudada assim, porque eu sei que não sei assim dizer, né de que nem sempre foi um lugar acolhedor pras mulheres, mas eu mesmo nunca passei por isso.

Ana: Tu acha que existe uma união das mulheres no meio da comunidade do podcast?

Mariana: Eu acho que sim. Acho que tem, acho que tem alguns grupos que procuram se unir, procuram estar mais próximos eu vejo muito da comunidade LGBT de uma forma geral. É, eu acho que se estende também para as mulheres. Vejo muito também do movimento preto.

Mariana: Então eu acho que de certa forma sim, as pessoas acabam se ajudando, eu sei que tinha um movimento de mulheres de podcasts que era quase como um coletivo de mulheres que trocam ideias sobre e tal, mas eu nunca fiz parte assim nunca é, eu acho que assim de certa forma faz parte, porque eu tô ali convivendo, tô ali produzindo junto com as minas, vou no podcast delas, trago elas para os meus e tal. Mas não nada muito ativamente também, não.

Ana: No seu atual local de trabalho, qual o percentual de mulheres e homens?

Mariana: Eu diria que 70% mulher e 30%. Deixa eu pensar talvez até mais. Eu diria, eu diria um 75% mulheres.

Ana: E qual as funções desempenhadas pelas mulheres no seu atual local de trabalho?

Mariana: Gestão e gerenciamento, acho que me inclui também ou só pessoas que trabalham para mim.

Ana: Todas.

Mariana: Tá, então na minha parte acho que é de gerenciar de ser né, dono do meu próprio negócio, a gente tem no modus, a gente ainda tem o cargo de revisora que é tipo uma pessoa que tá acima dos roteiristas que ajuda na revisão do dos roteiros a desempenhado por uma mulher a nossa produtora, né? Que é um cargo de gerência, a editora. Acho que são esses cargos desses roteiristas. Acho que seria por aí.

Ana: Existe algum preconceito ou obstáculo em relação as mulheres no podcast? E se sim quais?

Mariana: Acho que existe um obstáculo em relação às mulheres em qualquer lugar que elas ocupam. Acho que isso fica muito óbvio, que é que a gente, que não dá para a gente olhar para isso também de uma forma muito generalista, né? Porque assim eu como mulher posso falar esse tipo de coisa, mas ainda tem os meus privilégios.

Mariana: Sou uma mulher branca, faço parte de uma classe social, é classe média. Então acredito que eu tenha muitos privilégios que outras mulheres muitas vezes não consegue

alcançar. O podcast ele não é assim, é um projeto extremamente caríssimo no sentido de se você não tem uma câmera, você pode desempenhar com um microfone e tudo mais mas nem por isso ele fácil financiamento falando né?

Mariana: Se você não tem recursos financeiros, pode ser bem difícil desempenhar isso, porque além de dar um certo trabalho né? E trabalho é tempo e a gente sabe que nem todas as mulheres possuem esse tempo, né? Principalmente quando a gente olha pra mulheres com classes sociais mais baixas, mulheres em situação de vulnerabilidade. Que tem filhos que tem outros trabalhos tal, né?

Mariana: Eu tinha outro trabalho, quando eu comecei os meus podcasts, mas eu não tenho filho, eu sou a única pessoa que é que tipo, eu não preciso pagar. Sei lá, não precisa ajudar financeiramente minha família falando sabe. Então tipo o meu dinheiro eu consigo organizar para mim mesma, então de certa forma é quanto você detém recursos, possibilidades e tudo mais ele se torna mais fácil, então é por si só. eu acho que o podcast e a comunicação de uma forma geral, ele não é um lugar super aberto para as mulheres.

Mariana: Uma vez que as mulheres, nem todas as mulheres têm esse nível de participação nessa possibilidade de se comprometer com algo assim que às vezes é, está presa trabalhando em vários turnos. Às vezes tem muitos filhos para cuidar, não tem ajuda, não tem grupo de apoio, às vezes não tem situações financeiras que consigam, sei lá comprar um microfone bom ou ter um acesso para poder gravar. Então acho que é um pouco isso assim.

Ana: Qual a sua opinião sobre os espaços ocupadas pelas mulheres na poder superar brasileira?

Mariana: Acho que é bem elitista, branco como eu falei. Óbvio que existem podcasts, é que estão. Enfim, que sai dessa bolha e tudo mais, mas acho que de uma certa forma quando você olha para os grandes podcasts. A sensação que eu tenho que geralmente são mulheres brancas, em situações de emprego, ganhando mais.